

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA VINHA DA SOUTILHA

(Mairos, 1981)

*Susana Oliveira Jorge
Teresa Soeiro*

0. INTRODUÇÃO

As mais antigas referências publicadas sobre o interesse arqueológico do local que abrange a estação da Vinha da Soutilha em Mairos (Est. I, 1) devem-se ao P.^o Francisco Manuel Alves (0). Na verdade, o Abade Baçal mencionava em 1930 a existência dum «cavernas» ou «buracos» no sítio actual denominado do Buraco Feio (Est. I, 2), onde se localizariam pinturas pré-históricas. Em 1933, J. R. dos Santos Júnior publicava um artigo sobre «A cerâmica campaniforme de Mairos» (2), onde pela primeira vez se refere a uma «pequena explanada que fica sobranceira e contígua ao sítio dos buracos de Jac-mi-Jorge, hoje plantada a vinha, a vinha da Soutilha...» onde detectou «à superfície numerosos fragmentos de cerâmica eneolítica incisa». (Pág. 365). Embora não tenha encontrado as ditas pinturas, Santos Júnior realizava uma descoberta importante, a dum povoado pré-histórico cuja integração cultural, no entanto, haveria de merecer, sobretudo nos últimos anos, apreciações de diversa índole, em muito afastadas da proposta por aquele autor. Santos Júnior incluía as cerâmicas de Mairos na «cultura do vaso campaniforme», baseando-se fundamentalmente na análise da decoração incisa da cerâmica, considerada predominante na estação. A seu tempo comentaremos de forma mais pormenorizada o valor desta interpretação.

Contudo, convém lembrar que a diversidade técnica e temática da decoração cerâmica foi justamente acentuada por aquele investigador, sendo identificada a técnica de Boquique, então considerada, juntamente com a técnica por incisão, elemento sinalizador do campaniforme na Meseta Norte (3). Santos Júnior concluía pois pela existência dum horizonte campaniforme local, nas províncias a norte do Douro, constituído pelos mesmos tipos cerâmicos encontra/dos em Mairos, recorrentes em estações como a Penha, em Guimarães, Alto da Penacova, em Arcos-de-Valdevez, Outeiro-Seco, em Chaves, e Pepim, em Amarante, (pág. 372).

¹) P.^o Francisco Manuel Alves — «Chaves — Apontamentos arqueológicos» Gaia, 1931.

²) J. R. dos Santos Júnior — A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes), *Homenagem a Martins Sarmiento*, Soe. Martins Sarmiento, Guimarães, 1933.

³) C. Morán — Excavaciones arqueológicas en el Cerro dei Berrueco *Mems. J.S.E.A**, 54, Madrid, 1925.

Em 1971, a problemática que envolvia a integração cronológica e cultural das cerâmicas do tipo Mairos-Penha foi de novo colocada por Mário Cardozo ⁽⁴⁾. Num artigo inserto nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, aquele autor incluía as referidas cerâmicas na ambiência do Bronze Final ou Bronze Atlântico do Noroeste Peninsular, estabelecendo a transição para a «cultura castreja de influência céltica...» (pág. 257). Embora admitindo a possibilidade de «um fundo eneolítico» (pág. 254), Mário Cardozo encontrava maiores semelhanças decorativas nas cerâmicas do castro de Sabroso. Uma datação pelo C14 «em fragmentos de madeira incarbonizada, encontrados no alveolo de encabamento das hastas de duas das lanças de bronze...» (pág. 256) fornecia uma data: 930 a. C. Acrescente-se, entretanto, que não foram publicadas as condições estratigráficas do achado das referidas lanças, nem da sua posição relativamente à cerâmica tipo Penha na mesma estação. De qualquer forma, esse dado cronológico passou a funcionar como baliza no tempo para a inserção cultural das cerâmicas mencionadas, progressivamente identificadas em muitas outras estações do Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida seguiu a mesma linha de Mário Cardozo em 1975 quando se referiu às cerâmicas tipo Penha como introdução à análise descritiva da cerâmica castreja ⁽⁵⁾. Integrou-as no Bronze Final, acentuando as semelhanças estilísticas entre a cerâmica e ourivesaria coeva. No entanto, dizia-nos: «Não há dúvida de que esta organização decorativa e até os temas lembram a ornamentação da cerâmica campaniforme. Mas dadas as diferenças epocais e técnicas, entre ambas, não sabemos explicar tais semelhanças», (pág. 11 sep.).

Em resumo, definiram-se até hoje duas posições quanto à origem das cerâmicas tipo Mairos-Penha: a que propunha uma origem campaniforme local e a que avançava para uma cronologia mais recente, na transição do Bronze final para o Ferro inicial, aparentemente escorada por uma datação de C14 {susceptível, aliás de algumas reservas na possibilidade da sua articulação com a cerâmica} ⁽⁶⁾.

Por outro lado, até muito recentemente, este tipo de cerâmicas foi abordado no que diz respeito a formas e parâmetros decorativos como um conjunto relativamente homogéneo no tempo e numa larga região que incluía as províncias do Minho, Douro Litoral e parte de Trás-os-Montes. Contudo, uma simples apreciação dos materiais sugere, pelo menos, a possibilidade de existência de fácies regionais ⁽⁷⁾.

⁽⁴⁾ Mário Cardozo — A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães) *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra 1971*.

H. N. Savory (*Espanha e Portugal*, Verbo, Lisboa, 1969), já havia colocado a cerâmica Penha no Bronze Tardio, como uma perduração local de tradições anteriores (p. 224).

⁽⁵⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida — Cerâmica Castreja. *Revista de Guimarães*, Vol. LXXXIV, 1975.

⁽⁶⁾ Recentemente, Philine Kalb (O «Bronze Atlântico» em Portugal, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 1, Guimarães, 1980) articula a cerâmica tipo Penha com objectos de bronze descobertos na mesma estação, propondo para o conjunto uma cronologia também adentro do Bronze Final. Por outro lado, aflora a possibilidade de existência de grupos *loais* contemporâneos durante este período, numa vasta área, receptiva às influências culturais do «Bronze Atlântico». A cerâmica tipo Penha reflectiria um desses grupos locais, como a cerâmica tipo Baiões (Beira Alta) seria indício dum outro na região de Viseu.

⁽⁷⁾ Pensamos que a chamada «cerâmica tipo Penha» não deve ser encarada globalmente como um conjunto cerâmico definidor dum só horizonte cultural numa determinada região. Há indícios de áreas estilísticas diferenciadas que podem indicar não só uma diversidade micro-regional, mas uma evolução cronológica

As sondagens realizadas em 1981 na Vinha da Soutilha tiveram como propósito a detecção de níveis intactos de habitação que ajudassem a resolver os problemas de ordem cronológica e cultural acima aflorados. A sua parcial descoberta terá acelerado um plano de investigação (em desenvolvimento por uma das signatárias) que inclui o *estudo da organização espacial dos povoados*, que integram as referidas cerâmicas, ao nível regional.

O resultado que agora se apresenta reflecte, em todos os sentidos, uma fase preliminar de investigação arqueológica no povoado de Mairos, pelo que se reveste dum teor fundamentalmente descritivo ⁽⁸⁾.

1. LOCALIZAÇÃO

A estação da Vinha da Soutinha (Est. XV, 1) encontra-se implantada numa encosta abrigada (à cota média de 630 m), voltada à veiga de Chaves (parte superior da depressão Régua-Verim), na freguesia de Mairos, concelho de Chaves, distrito de Vila Real. Encontra-se situada num socalco intermédio da escarpa que constitui o bordo oriental da bacia de Chaves C). A referida encosta é drenada por alguns ribeiros que engrossam a norte a Ribeira do Regueiral, afluente da Ribeira de Feces (Est. I, 2). É constituída por terrenos arenosos de origem granítica, delimitados por afloramentos rochosos, actualmente aproveitados para a cultura da vinha. A prospecção cuidada permitiu circunscrever uma *plataforma* virada a oeste delimitada a norte e a sul por duas linhas de água (Est. II). Nesse local se procederam a várias sondagens que revelaram que a ocupação seria descontínua, possivelmente organizada em pequenos núcleos de habitações adossadas a penedos.

Cordenadas geográficas da estação (seg. a «Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000 — n.º 35: 1º 46' 21" Long. E. Lisboa; 41º 49' 11" Lat. N. (localização da responsabilidade dos Serviços Topográficos da Câmara Municipal de Chaves).

2. A ESCAVAÇÃO

Na plataforma referida realizaram-se seis valas de sondagem, (Est. XV), desde o topo da vinha, junto a grandes blocos de granito (sondagens 5, 6 e 3), em pontos intermédios, também junto a penedos (sondagens 1 e 4), e na base do bordo sul do esporão (sondagem 2) ⁽¹⁰⁾.

Apenas três dos locais escavados revelaram vestígios arqueológicos. Assim, nos sectores denominados 1,4 e 5, apenas foi detectado um estrado arenoso amarelo-acinzentado, estéril, que corresponde aos sedimentos que cobrem naturalmente toda a área da vinha da Soutilha.

adentro de certos padrões decorativos gerais. V. de Susana O. Jorge e J. J. Rigaud de Sousa, Resultados preliminares de uma sondagem na estação arqueológica da Chã do Castro (Amares, Braga), *Actas Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 1, Guimarães, 1980.

⁽⁸⁾ A campanha de 1981 foi subsidiada pela Câmara Municipal de Chaves e pelo Instituto Português do Património Cultural. Devemos aqui agradecer particularmente os apoios concedidos pelo Sr. Vereador do Pelouro da Cultura, João Baptista Martins, e a prestimosa colaboração do Sr. Firmino Aires e do P.º Delmino Fontora, pároco de Mairos, os quais, conjuntamente com toda a população de Mairos, contribuíram, através dum acolhimento caloroso, para que as escavações se realizassem dentro da maior eficácia.

⁽⁹⁾ Jorge Dias, Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro, *Congrès International de Géographie*, Lisbonne 1949, pp. 71-75.

⁽¹⁰⁾ Dimensões das valas de sondagem, s. J — 4 X 7 m; s. 2 — 2 X 4 m; s. 3 — 4 X 4 m; 4 X 2 m; 3, 10 X 2,40 m; s. 4 — 1 X 1 m; s. 5 — 2 X 1 m; s. 6 — 2 X 2 m. A quadrícula da sondagem 3 foi condicionada pela existência nas proximidades, de pés de videira.

Os restantes locais de sondagem revelaram a seguinte estratigrafia:

Sondagem 3 —(Est XVII).

Estratigrafia dos quadrados A e B (^{1X}): (Est. III; V):

- 1 —terra castanho-acinzentada arenosa; corresponde ao revolvimento provocado pelo trabalho da vinha, acompanhando o pendor do terreno; insere material pré-histórico dos estrados subjacentes e um fragmento de cerâmica feita a torno.
- 2A — terra arenosa amarelada com bastante pedra miúda sobretudo nos quadrados A1, A2; B1, B2; corresponderá a um momento de abandono ou destruição da ocupação duma cabana adossada aos penedos. Alguns fragmentos cerâmicos apareceram inseridos na camada perpendicularmente, misturados com muitas pedras, não havendo vestígios de cinzas ou carvões. Uma linha de pedras separa este estrato do subjacente nos quadrados A1/A2/B1/B2 (Est. V).
- 2B — terra arenosa castanho acinzentada com manchas de cinzas e carvão, integrando duas lareiras estruturadas e abundantes artefactos «in situ». Corresponde à camada intacta de ocupação. A lareira 1 (Est. IV) C²) terá sido refeita, como o demonstra um corte estratigráfico passando pelo seu meio: há sobreposição de pedras em um dos lados, sendo visível no exterior, uma linha de cinzas correspondente a uma das limpezas a que foi sujeita (Est. IV, 1). Aliás, essa mancha, de carvões prolonga-se pelo lado norte do quadrado A2 e por cerca de metade do quadrado A3 (Est. III) .A lareira 2 encontrava-se parcialmente destruída. De referir ainda que esta camada de ocupação, onde foram descobertos muitos artefactos «in situ», nomeadamente um vaso quase completo «tipo Penha» (¹³), delimitava uma zona que incluía, «grosso modo», as duas lareiras e um conjunto de pedras em aparente conexão, sobrepostas a uma estrutura em fossa, aberta no estrato 4 (Est. III). Poderá tratar-se do espaço relativo à ocupação sistemática da cabana. Finalmente, no quadrado A3, foi detectado um buraco de planta oval, aberto na superfície do estrato 2B, de forma subcónica, com cerca de 20 cm de profundidade, não chegando a perfurar o estrato inferior. Poderá tratar-se dum buraco de poste, embora não o possamos inteiramente confirmar. Nesse nível de habitação, além de abundantes recipientes cerâmicos, descobriram-se pontas de seta e um machado polido em xisto e elementos de moinhos manuais oblongos em granito.

¹¹) Nos quadros contíguos M e N verificou-se a mesma estratigrafia dos quadrados A e B. Contudo, essa área revelava, em todos os estratos, grande abundância de bolsas de areão resultantes da passagem de linhas de água, o que dificultou a leitura estratigráfica e impossibilitou uma visão em área da extensão do «habitat».

¹²) Foi enviada uma amostra de carvão desta lareira ao Instituto de Radiocarbono da Faculdade de Ciências da Universidade de Granada para datação por C 14.

¹³) Este vaso encontra-se actualmente a ser restaurado no Laboratório de Restauro do Museu Monográfico de Conímbriga, graças à boa vontade manifestada pela Dr.^a Adília Alarcão a quem agradecemos.

- 3 —terra castanho-acinzeáda escura com abundantes manchas de carvão, quase estéril, existente numa zona restrita (quadrados A1/A2/ BI e parte do B2 e A3). Poderá corresponder à área onde se realizou uma queimada intencional para implantação da cabana. Mas esta interpretação precisa naturalmente de ser confirmada pelo alargamento da escavação. O estrato 3 interrompe-se sobre uma estrutura em fossa aberta no estrato 4, o que parece confirmar a hipótese de contemporaneidade entre essa estrutura e a camada de ocupação 2B.
- 4 —terra arenosa amarelada, estéril
- 5 —terra arenosa acinzentada, estéril

No estrato 4 abria-se uma fossa de planta sub-circular (Bst. IV, 2) e fundo genericamente aplanado, cujo enchimento era constituído por uma terra acastanhada escura, de textura semelhante à do estrato 2B. No topo da fossa existiam grandes pedras tombadas para o interior, sobre as quais pousavam fragmentos cerâmicos dum vaso possivelmente de grandes dimensões. É possível relacionar com um certo grau de probabilidade, estes três elementos como fazendo parte do memo conjunto: a fossa poderia servir para conter um vaso de provisões, e as pedras teriam uma função de contensão do mesmo. Contudo, esta interpretação é necessariamente provisória. Acrescente-se que, sobre a fossa, no estrato 2B, ocorreu um conjunto de pedras relativamente imbrincadas que poderão apontar para um sistema de cobertura ou de fecho daquela (Est. III). A aceitação desta hipótese levanta a questão de se saber se a fossa esteve em funções durante todo o tempo da habitação da cabana ou se foi inutilizada pelos próprios habitantes, como também poderiam sugerir as pedras sobre aquela. No lado oeste, junto aos penedos, apareceram grandes pedras aplanadas (Est. III) (algumas denotando fractura natural) inseridas no estrato 2B e no 4 (na área das pedras não foi detectado o estrato 3). Poderão ter sido utilizadas como lajeado (?) natural, embora a confirmação dependa, mais uma vez, do alargamento para oeste da área de escavação.

Finalmente, assinale-se que não se verificaram variações tipológicas de fundo nos artefactos encontrados nos diferentes estratos (à excepção de em alguns materiais de superfície), de que resulta podermos afirmar ter detectado *um só horizonte de ocupação*.

Sondagem 6 (Est. XIV).

- 1 — terra castanho-acinzentada arenosa; corresponde ao estrato superficial trabalhado para a plantação de videiras, como o demonstram os sulcos da enxada evidentes no perfil, os quais revolveram a camada de habitação subjacente, que, é pouco espessa na área.
- 2 — terra castanho-amarelada arenosa, com algumas manchas de cinzas em zonas bem delimitadas e bastantes pedras. Trata-se dum vestígio ténue duma camada de habitação, bastante material arqueológico, semelhante ao encontrado na sondagem 3.
- 3 — terra castanha escura, arenosa, numa área restrita, delimitada no canto oeste da vala de sondagem por uma grande pedra. A sua extensão e espessura não foram ainda determinadas.

4 — terra arenosa amarelada, estéril.

O local onde se começou a realizar esta sondagem situa-se num ponto sobranceiro da vinha, junto a um grande penedo, com boas condições para se detectarem futuramente vestígios de ocupação do tipo da que foi descoberta na sondagem 3.

Sondagem 2 (Est. XII).

1 — terra humosa escura com raízes; trata-se dum estrato pouco espesso, resultante do crescimento recente de vegetação numa área abandonada de vinha.

2 — terra humosa acinzentada, correspondente ao antigo trabalho da vinha.

3 — terra acinzentada compacta, na qual apareceu maior abundância de material arqueológico.

4 — terra arenosa alaranjada, estéril.

Trata-se duma zona revolvida, quer por antigos trabalhos de vinha, quer pela acção destruidora da confluência de linhas de água que escorrem pela encosta sul da plataforma onde se realizaram as sondagens arqueológicas. O estrato 3 deve corresponder aos sedimentos redepositados no transporte de água de escorrência, pelo que o material arqueológico nele encontrado não se pode considerar «in situ».

3. ANÁLISE DO MATERIAL

3.1 *Material de superfície*

Entre os múltiplos materiais encontrados à superfície da vinha da Soutilha, durante a campanha de 1981, destacam-se vestígios relativamente recentes como um fragmento de cerâmica sigilata hispânica Drag. 37, tegula e imbrex, alguns fragmentos de cerâmica feita à roda, incaracterística, e uma ponta de lança de ferro, muito corroída com vestígios de alvado (Est. II, 1) ⁽¹⁴⁾. Mas o que mais abunda, é a cerâmica pré-histórica, relevada pelos insistentes trabalhos de vinha naquele local, ao longo de, pelo menos, muitas dezenas de anos. Também se descobriram em 1981 alguns objectos líticos pré-históricos: uma ponta de dardo (?) em xisto, de base recta (Est. II, 3), duas lâminas retocadas em xisto, uma delas com um «coche» (Est. II, 2) e um machado polido de xisto muito fragmentado. Refira-se a descoberta, realizada há anos numa área próxima, de fragmentos de argila cozida com negativos de ramos, articulados possivelmente com o revestimento duma habitação pré-histórica (Es. XVI, 1).

3.2 *Material proveniente das escavações*

Sondagem 3.

— No estrato 2B foram encontradas 4 pontas de seta de xisto (uma bicôncava, duas de base recta e uma quarta com a base fractu-

⁽¹⁴⁾ Esta ponta de lança encontra-se a ser analisada no Centro de Metalurgia da Universidade do Porto.

rada) (Est. VI, 1-4) ,três instrumentos sobre lasca, retocados lateralmente, de xisto (Est. VI, 5, 7, 8) e uma pequena lamela de quartzo hialino também retocada lateralmente. Ainda adentro do material lítico, menciona-se a descoberta nos estratos 2A e 2B de vários elementos de moinhos manuais oblongos em granito, um machado polido em xisto, fracturado lateralmente, no estrato 1, (Est. VI, 6) e, nos estratos 2A e 2B, respectivamente, dois núcleos {Est. VI, 9 e 10}.

Resulta, assim, que, apenas o machado polido se encontra numa posição estratigráfica que não autoriza à sua imediata inclusão no horizonte de ocupação pré-histórica, embora o tipo de artefacto se adegue perfeitamente ao conjunto arqueológico nele detectado.

Todos os outros objectos se podem considerar em associação estratigráfica e contemporâneos do nível de ocupação descrito.

— A *cerâmica* de recipiente da sondagem 3 proveniente do horizonte de ocupação é muito homogénea quanto às características da pasta: predomina a textura compacta com desengordurante grosseiro, constituído por grãos de quartzo de pequeno e médio calibre. As superfícies são normalmente alisadas ou, em casos excepcionais, polidas. Apenas em dois casos o polimento adquire um brilho (quase metálico (Est. XVIII, 14).

QUADRO I

Forma		Lisa	Incisa	Penteadada	Boquique	Puncionada
1	A	5	26	8	10	2
	B	2	20	6	12	
	C	1			2	
2	A		2	4		2
	B		3	1	2	
3	A	1	3		1	
	B	1			1	
	C		2			
4	A	11	11	14		5
	B		2			1
5	A		2		1	
	B			1	1	1
	C					
6	A			1		1
	B		1			

Também quanto à forma a uniformidade é notória adentro de certos parâmetros: dominam as *formas esféricas*, (Ver Quadro 1), abertas ou fechadas, estando de todo ausentes as carenas e as formas tronco-cônicas de fundo plano.

É relativamente à decoração que se verifica maior variedade estilística, através da utilização de técnicas como a impressão, a incisão e o puncionamento (muitas vezes conjugadas simultaneamente no mesmo vaso) e de múltiplas organizações decorativas.

Embora a análise da cerâmica desta estação esteja atada numa fase preliminar do seu estudo é possível desde já referir as percentagens aproximadas das principais formas e padrões decorativos que passamos a enunciar, através do Quadro 1 (comparem-se as formas com as do Quadro 4).

Como se verifica, predomina a forma esférica muito fechada, seguida da calote de esfera, num total de 170 *formas detectadas*. Enquanto na primeira forma domina a decoração incisa, na segunda impera a decoração impressa com matriz «penteada». Esta proporção é, aliás, mantida, na tipologia decorativa geral da cerâmica deste nível de ocupação, como se pode ver pelo quadro seguinte (em 463 fragmentos de dimensões médias):

Incisa rectilínea	60 %
Impressa com matriz «penteada»...	18,7%
«tipo Boquique»	16,8%
Punção	4,5%

Os tipos de *organizações decorativas* são, como se disse, muito variados. Mencionaremos aqui apenas principais padrões, adentro dos grupos de técnicos mencionados:

- 1 — decoração incisa rectilínea metopoda (normalmente designada por «tipo Penha»): zonas de reticulados alternam com sulcos verticais ou linhas quebradas (Est. VII, 1).
 - decoração incisa rectilínea em sequência horizontal: linhas quebradas (EstXI, 1).
- 2—decoração impressa com matriz «penteada», rectilínea em sequência horizontal: linhas quebradas em diversas combinações (Est.. VII, 1).
 - decoração impressa com matriz «penteada», curvilínea, metopada (Est. VII, 4).
 - decoração impressa com matriz «penteada», curvilínea em sequência horizontal (Est. XI, 6).
- 3 — decoração «tipo Boquique» — «grinaldas» (Est. VII, 6).
 - decoração «tipo Boquique» — linhas paralelas inseridas em triângulos incisos (Est. VIII, 2).
 - decoração «tipo Boquique» — linhas simples paralelas ao bordo (Est. VII, 8).
- 4 — Puncionamentos inseridos em triângulos incisos, em múltiplas combinações. (Est. VIII, 3).

Ainda da sondagem 3 provieram alguns fragmentos de cerâmica de construção (fundamentalmente dos estratos 2A e 2B), sem contudo apresentarem qualquer indício de negativos de ramos ou definirem uma forma regular.

Sondagem 6

Das 19 formas de cerâmica identificadas, neste local, no estrato 2, podemos fornecer os seguintes elementos devidamente articulados com técnicas decorativas (Est. XIV).

QUADRO 2

Forma	^s	Lisa	Incisa	Penteada	Boquique	Puncionada
1	A			2		
	B					
	C					
2	A			2		
	B					
3	A		2			
	B					
	C					
4	A	1	2	8		
	B					
5	A			1		
	B					
	C					
6	A			1		
	B					

Predomina a forma de calote de esfera com decoração impressa «penteada». Nos 52 fragmentos decorados definimos as seguintes quantidades por técnicas decorativas:

Incisa retilínea	63,4 %
Impressa «penteada»	28,8 %
«tipo Boquique»	5,7 %
Punção	1,9%

Sondagem 2

—Do material lítico recolhido neste local refira-se: uma ponta de seta de base recta fracturada em sílex (Bst. XII, 1) uma ponta de seta de base-fracturada em xisto (Est. XII, 2) uma ponta de seta losângica (?) fracturada em xisto, (Est. XII, 3) um furador espesso em sílex, (Est. XII, 5) e uma lasca retocada lateralmente com «coche» em xisto (Est. XII, 4). Infelizmente estes artefactos provêm dos estratos mais revolvidos (1 e 2) C³).

Do estrato 3 apenas podemos mencionar, entre os artefactos líticos, um machado polido, fracturado, de secção rectangular (Est. XII, 6).

—Das 35 formas cerâmicas pré-históricas identificadas, provenientes de todos os estratos, nomeadamente do estrato 3, vejamos também as principais formas e padrões decorativos (Est. XII; XIII):

QUADRO 3

Forma		Lisa	Incisa	Penteada	Boquique	Puncionada
1	A	1				
	B					
	C					
2	A		1			
	B	1	I			
3	A	7	1	1	2	2
	B		2		1	
	C					
4	A	2	5		2	2
	B					
5	A	I			1	
	B			1		
	C		<i>l</i>			
6	A					
	B					

Predomina a forma esférica, seguida de calote de esfera. A proporção das diversas técnicas decorativas é difusa, tendendo a manter-se homogénea nas várias formas detectadas. Mas, na apreciação geral dos fra-

—⁽¹⁵⁾ Do estrato 1, a 20 cm de profundidade, provém crucifixo em bronze.

gmentos decorados (80 no total), há predominância acentuada da técnica por incisão:

Incisa rectilínea	65%
Impressa «penteada»	15%
«tipo Boquique».....	8,7 %
Punção	11,2 %

3.3 Atendendo às análises parciais descritas podemos chegar às seguintes conclusões prévias sobre o material cerâmico da Vinha da Soutilha:

Dominam as formas fechadas globulares de dimensões médias (ver Quadro 4). Dentro destas há que distinguir as muito fechadas de bordo reentrante (IA) (Est. VII, 2 a 6 e VIII, 13), com pequeno estrangulamento do colo (1B) (Est. VII, 1 e VIII, a 4 e 5) e acentuado estrangulamento do colo (1C) (Est. VIII, 6). Aliás, esta variante do bordo vai constituir o factor de diferenciação adentro de cada grupo de formas, dividindo-as nas variantes A, B, C.. A forma 2 (A,B) refere-se ao vaso globular fechado (Est. VIII, 7 a 10; IX, 1 a 5) e a forma 3 (A, B, C) ao esférico de abertura larga (Est. IX, 6 a 8). Ainda dentro das formas fechadas, temos a forma 5 (A, B, C) (Est. XI, 1, 2, 4), que corresponde a vasos normalmente de grandes dimensões de corpo possivelmente ovóide. Finalmente, as formas abertas comportam as calotes de esfera (4A e B) (Est. X, 1 a 12) e um tipo de recipiente raro que deixa entrever um corpo tronco-cónico (cuja base desconhecemos) (6A e B) (Est. XI, 5 a 7).

Quanto à decoração assinalamos apenas algumas linhas de força:

— as decorações são por vezes extensas ocupando uma grande área do vaso;

— em muitos recipientes convergem várias técnicas decorativas, como a incisão e o puncionamento, a incisão e a impressão «penteada», a incisão e uma técnica que evoca a de Boquique;

— adentro de cada técnica decorativa geral podemos distinguir *variantes* consoante a forma da extremidade do estilete ou da matriz, ou a sua utilização na superfície do vaso; assim, a *incisão* pode ser funda ou superficial, estreita ou larga; os puncionamentos podem ser triangulares ou ovais, actuados vertical ou obliquamente; a *técnica de Boquique*, na versão de Mairos, traduz-se pela utilização dum puncionamento oblíquo arrastado, mais fundo dos lados, que pode ser realizado com a ajuda de punções de extremidades muito diversificadas; a *impressão «penteada»* utiliza frequentemente diversas formas de matrizes (de dois a cinco «dentes»), e pode ser funda ou extremamente ténue;

— a organização decorativa *metopada* ocorre com frequência utilizando a incisão e a impressão «penteada»; a *sequência horizontal* definida por *triângulos alternadamente decorados* no seu interior é preferênciada da técnica por puncionamento e da técnica de Boquique;

— a organização em *grinaldas* é exclusiva (e muito rara) da técnica de Boquique⁽¹⁶⁾.

4. CONCLUSÕES

4.1 A investigação arqueológica na Vinha da Soutilha está numa fase preliminar de desenvolvimento, tendo sido escavada uma área de

⁽¹⁶⁾ A análise tipológica da cerâmica do «tipo Mairos-Penha» encontra-se em fase de desenvolvimento integrada num plano de investigação sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal, de autoria de uma das signatárias (S. O. J.).

QUADRO 4

FORMA DECORAÇÃO	lisa	incisa	pente- ada	boqui- que	punção	total (%)
1 A 	6	26	10	10	2	54 (24,11)
	2	20	6	12		40 (17,86)
	1			2		3 (1,34)
2 A 		3	6		2	11 (4,9)
	1	4	1	2		8 (3,57)
3 A 	8	6	1	3	2	20 (8,93)
	1	2		2		5 (2,23)
		2				2 (0,89)
4 A 	14	18	22	2	7	63 (28,13)
		2				2 (0,89)
5 A 	1	2	1	1	1	6 (2,68)
			2	1		3 (1,34)
		1		1	1	3 (1,34)
6 A 			2		1	3 (1,34)
		1				1 (0,45)
total (%)	34 (15,18)	87 (38,84)	51 (22,77)	36 (16,07)	16 (7,14)	224

ocupação ínfima, e não havendo, portanto, indícios seguros para sequer discutir a organização espacial deste povoado. Por outro lado, espera-se o resultado da análise de datação pelo C14, marco importantíssimo na inserção cronológica e cultural deste «habitat».

Resta-nos as comparações tipológicas com materiais arqueológicos de áreas vizinhas, método de difícil execução, dado que faltam na Soutilha elementos caracterizadores de certos períodos e abundam outros que não estão ainda suficientemente identificados ao nível local. Sabemos também quanto a tipologia pode ser enganadora se não for utilizada com a devida precaução e estiver aberta a fenómenos de recorrência e arcaísmo que lhe retiram todo o sentido para uma inserção cultural segura.

Os comentários que se vão seguir são, pois, provisórios, e incluem-se mais na área da *reflexão* sobre alguns pontos sugeridos pela análise dos elementos extraídos da escavação.

— A escavação do nível de ocupação da sondagem 3 revelou duas lareiras, uma fossa e abundantes artefactos associados que parecem apontar para vestígios duma cabana encostada a um afloramento rochoso. Há que determinar a sua real extensão⁽¹⁷⁾— Contudo sondagens realizadas noutros locais próximos, demonstraram que apenas em alguns sítios, normalmente junto de penedos, temos provas até ao momento da existência de vestígios arqueológicos e só numa área restrita (sondagem 6) há possibilidades de encontrar outros restos duma habitação pré-histórica. Há portanto pistas no sentido dum *povoamento nuclearizado* junto de afloramentos rochosos instalado numa plataforma em esporão de encosta, delimitada por ribeiros e com certas condições naturais de defesa e controle sobre a Veiga.

— No nível de ocupação descrito foram encontrados, em associação, pontas de seta em xisto, lâminas retocadas em xisto, um machado polido, elementos de moinhos manuais oblongos e vasos cerâmicos lisos ou decorados, de formas globulares e superfícies normalmente alisadas. A cerâmica é muito homogénea relativamente à pasta e às formas. Apresenta, no entanto, grande diversidade de técnicas e organizações decorativas. Assim, definiu-se a *coexistência*, neste povoado, de cerâmicas incisas normalmente designadas «tipo Penha» com cerâmicas «penteadas» (até à data identificadas com a ambiência transmontana, a partir do conhecimento de recipientes oriundos, por ex. de Lorga de Dine, Vinhais⁽¹⁸⁾, ou Penas Róias, Mogadouro⁽¹⁹⁾) e com cerâmicas cuja decoração evoca a técnica de Boquique (que habitualmente se articulam com o Bronze Médio-Final da Meseta).

— Antes de reflectir no problema da decoração da cerâmica há, no entanto, que atender a algo que nos parece significativo. *Estão ausentes as carenas como os cordões* (lisos ou decorados). Esta ausência não deve ser encarada como factor decisivo mas apenas sinalizador duma possível antiguidade (ou arcaísmo) que deverá ser devidamente comprovada. Na verdade, num artigo recente⁽²⁰⁾, Fernández-Posse y de Arnáiz (1981) chama a atenção para o aparecimento insistente de formas carenadas na Meseta Norte a *partir do Bronze Médio*, juntamente

⁽¹⁷⁾ O povoado encontra-se coberto por uma vinha que limita a acção arqueológica e compromete toda a interpretação espacial do mesmo.

⁽¹⁸⁾ Comunicação apresentada por C. H. Harpsøe e M. F. Ramos ao III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1974.

⁽¹⁹⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida e António Maria Mourinho, Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, Revista, *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, 1981.

⁽²⁰⁾ M. D. Fernández-Posse y de Arnáiz, La cueva de Arevalillo de Cega (Segovia), *N.A.H.* 12, 1981

com elementos campaniformes e o que autora designa «os primeiros elementos de Cogotas I» (pág. 73). Esta junção encontra-se plenamente demonstrada na gruta de Arevalillo de Cega (Segóvia), onde, a um nível com cerâmica campaniforme («tipo Silos» ou «tipo Molino»), metal e formas lisas globulares, algumas brunidas, (sec. XV a.C), se sobrepõe um nível de habitação datado (1350-1340 a.C.) ainda com alguma cerâmica com técnica de Boquique, carenas médias e vasos de maiores dimensões decorados com cordões e impressões digitais sob o bordo, o qual pode também ser decorado. Ocorrem as superfícies alisadas, espatuladas e brunidas. Este nível de habitação tem um certo período de desenvolvimento, no final do qual aparecem as *primeiras carenas altas*, a par de uma maior variedade de decorações com técnica de Boquique e grandes vasos com cordões (1300-1250 a. C.)»

A ausência de formas carenadas encontra-se, por outro lado, atestada em estações do ocidente da Meseta em contextos campaniformes ou designados de «eneolíticos» ou «pré-campaniformes» ⁽²¹⁾.

As formas com cordões, se as considerarmos de todas as épocas (do Neolítico à I. do Bronze Final), sobretudo relacionadas com actividades de aprovisionamento, (dadas as suas dimensões e aspecto grosseiro), sinalizam melhor o índice da actividade produtiva do que um período cuultural. Neste sentido, a falta (até à data) destas formias na Soutilha pode eventualmente sugerir uma fraca necessidade de armazenamento em grandes vasos de provisões, o que se articulará também com as relativamente pequenas dimensões de quase todos os recipientes.

Assinalemos também a total *ausência das superfícies brunidas*, tão típicas dos recipientes da I. do Bronze, não só da Meseta. como da Península, em geral. A explicação para esta falta pode encontrar-se localmente e não significar mais do que um particularismo regional. Contudo, há que ter em conta a grande especialidade difusora destas «culturas» e dos seus elementos mais identificadores ao nível da cultura material de forma que a recusa de integração dum desses elementos tem de ser explicada pela própria dinâmica interna do horizonte em questão.

Saliente-se o facto de se terem identificado ultimamente no Noroeste cerâmicas carenadas de superfícies brunidas, integráveis na chamada «cultura de Alpiarça», de cronologia tardia — Bronze Final — na área do Baixo Tejo e centro do País ⁽²²⁾. *Estas cerâmicas, que nunca aparecem em contextos cerâmicos idênticos ou semelhantes aos de Mairos-Penha, ocorrem no Noroeste em estações como Alto da Caldeira (Baião) ⁽²³⁾, Alvarelhos, Roriz (Barcelos) ⁽²⁴⁾, Geraz do Lima (Viana do Castelo) ⁽²⁵⁾, Facha (Ponte de Lima) ⁽²⁶⁾ e Castromao (Celanova, Orense) ⁽²⁷⁾.*

⁽²¹⁾ M. D. Fernández-Posse y de Arnáiz, ob. cit, pág. 70.

⁽²²⁾ Gustavo Marques e M. Andrade, Aspectos da proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* Porto, 1974.

⁽²³⁾ Susana Oliveira Jorge, Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, 1981.

⁽²⁴⁾ C. A. Brochado de Almeida e Maria Teresa C. M. Soeiro, Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *Actas do Seminário do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, 1980.

⁽²⁵⁾ Maria Teresa Soeiro, Castro do Peso em St.ª Leocádia de Geraz do Lima, *Revista Arqueologia* n.º 3, GEAP, Porto, 1981.

⁽²⁶⁾ C. Alberto F. de Almeida, Teresa Soeiro, C. A. Brochado de Almeida, António J. Baptista, Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha, *Arquivo de Ponte de Lima*, n.º 3, 1980.

⁽²⁷⁾ Agradecemos a informação ao director das escavações, D. Francisco Farina Busto.

Resumindo, se relativamente à ausência de vasos com cordões e com superfícies brunidas, pode surgir a hipótese da existência de factores explicativos causais de ordem regional, já com respeito ao domínio de formas esféricas e à ausência de formas carenadas, temos de os perspectivar à luz dum outro peso, dado que o padrão morfológico dum recipiente está em íntima relação com o leque de opções que cristaliza uma cultura. Os horizontes culturais da I. do Bronze peninsular inserem habitualmente a forma carenada nos seus conjuntos cerâmicos; na Meseta norte começa-se agora a constatar a sua presença partir do Bronze Médio; no Noroeste há indícios, pelo menos, da sua existência, durante o Bronze Final⁽²⁸⁾: Há evidentemente que comprovar estatisticamente se esta associação é sistemática ou se existem casos em que ela não ocorre. De qualquer das formas, no caso desta estação, quer se trate duma escolha regional, o que revelaria, numa época avançada da I. do Bronze a perduração exclusiva de tradições morfológicas anteriores, quer se trate muito provavelmente duma manifestação que aponta para uma cronologia antiga do povoado, este ponto é a da máxima importância na caracterização da cerâmica da estação da Vinha da Soutilha.

—Quanto à decoração da cerâmica, comecemos pela chamada técnica de *Boquique*⁽²⁹⁾ que, em princípio, nos fornece elementos de datação gerais para a ocupação da Vinha da Soutilha.

Fernández-Posse (1981) refere que esta técnica terá começado a ser utilizada desde uma época «eneolítica», de que, o fragmento cerâmico de Xinzo de Limia (Orense) seria um exemplo⁽³⁰⁾. A Cueva de Ia Vaquera⁽³¹⁾ representará o momento seguro em que aquela decoração aparece juntamente com um campaniforme «tipo Silos» ainda durante o *Bronze Antigo*. Diz-nos a mesma autora: «...lo que permite pensar que esta técnica, presente en Ia Meseta antes de Cogotas I, sufrió en un determinado momento un revitalizamiento que Ia llevó a constituir-se en una de Ias que caracterizan tal Cultura», (pág. 79).

Arealillo corresponde a uma fase do *Bronze Médio* (1350-1340 a. C.) com esta cerâmica, onde estão presentes motivos como as «grinaldas», os zig-zags paralelos, e bandas verticais incisas preenchidas com paralelas horizontais.

Estes motivos têm paralelos em Cogotas I, em qualquer das fases do seu desenvolvimento, ocorrendo, por ex., em El Berrueco⁽³²⁾.

Só que na fase final de Cogotas I (*Bronze Final*) estes motivos estão inseridos em «fuentes» ou «tazas», vasos abertos, os primeiros de *carena alta* e pequeno fundo plano C⁽³³⁾.

Os motivos da cerâmica da Vinha da Soutilha são variados e, embora se incluam três vasos com «grinaldas», os outros denotam

(28) Durante muito tempo desconheceu-se a existência deste tipo de cerâmica no Norte de Portugal de que decorreu certos autores verem na cerâmica do «tipo Penha» a substituição regional que acompanharia o «Bronze Atlântico» (V. *Philine Kalb*, nota 6).

(29) A técnica de *Boquique* é aqui tomada no sentido estrito, não havendo a intenção de a identificar com um horizonte cultural específico.

(30) A. Rodríguez Colmenero e G. Delibes de Castro, *Hallazgos prehistóricos en Ia provincia de Orense, C.E.G.*, XXVIII, 84, 1973.

(31) A. Zamora, *Contribución al estudio del Bronce Final en Ia Meseta Norte; Les cerâmicas incisas de Ia Cueva o Fuentedura Torreiglesias (Segovia)*, XII *C.N.A.*, 1975;

A. Zamora, *Excavaciones en Ia cueva de Ia Vaquera. Torreiglesias — Edad del Bronce — Segovia*, 1976.

(32) Maluquer de Motes, *Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Berrueco (Salamanca)*, *Actas Samanticensis*, XIV, Salamanca, 1958.

(33) M. D. Fernández-Posse (1980), pág. 74, nota 65.

um elevado regionalismo, mesmo ao nível da utilização da técnica. Lembremos que o punção utilizado tem normalmente uma extremidade larga ao contrário do convencional que é aguçado e actua muito obliquamente. Enfim, estes motivos encontram-se exclusivamente em *vasos globulares*, e esta conjugação não tem paralelo na última etapa de Cogotas I. Esta uma constatação importante que abona em favor da antiguidade de todo o conjunto ⁽³⁴⁾.

A decoração por *puncionamento*, ou a *impresa «penteada»* têm vindo a ser ultimamente identificadas na Meseta Norte sobretudo na província de Zamora, como elementos decorativos ocasionais justapostos a vasos de feitura incipiente, predominantemente esféricos e lisos, que ocorrem em povoados de altura ou estações de campo aberto, integráveis no Calcolítico ou *Bronze inicial*. Citemos sem pretendermos ser exaustivos as estações de Nunogalindo (Ávila) ⁽³⁵⁾, Las Pozas, em Casaseca de Las Chanas (Zamora) ⁽³⁶⁾, ou El Coto (Zamora) ⁽³⁷⁾. São frequentes os triângulos incisos alternadamente decorados com puncionamentos, e as linhas curvilíneas «penteadas» sob o bordo. Os puncionamentos acompanham a técnica de Boquique em todas as etapas de Cogotas I, mas organizam-se de forma diversa (V. Arevalillo). O que difere na Vinha da Soutilha é a *abundância da cerâmica decorada* relativamente à lisa, factor de distanciação no que toca a cerâmica dos povoados mencionados.

Finalmente, a decoração *incisa*, tal como se encontra organizada na Vinha da Soutilha, apresenta um indiscutível teor regional, que dificulta a busca de paralelos longe duma faixa relativamente costeira que constitui o Noroeste Peninsular. E nesta área, onde esta cerâmica abunda ligada ao epíteto de «tipo Penha» (que inclui também decorações puncionadas), não se encontra devidamente identificada culturalmente, ou pelo menos, seguramente identificada, tal como sugerimos no início.

O *reticulado* e a *espiga* são dois elementos constantes desta técnica decorativa. Há casos em que espiga ocorre isoladamente (horizontalmente ou verticalmente), outros em que se associa ao reticulado e a sulcos verticais como motivo meramente separador (organização metopada). Se é certo que estes motivos ocorrem em certos campaniformes incisos, também não é menos certo que eles são constantes no repertório de Cogotas I, sobretudo na sua fase final, o que equivale a dizer que são características recorrentes ao longo dum período de cerca de, pelo menos, mil anos, em contextos culturais muito diversos. Não é possível, assim, isolar este ou outro tipo de decoração e torná-lo por si só fóssil director na definição duma «cultura» ⁽³⁸⁾. A cultura material dum horizonte cultural tem de ser caracterizada através da *investigação sistemática* numa determinada região tendente a recuperar todos os vestígios

⁽³⁴⁾ Antiguidade já em 1970 sugerida por O. da Veiga Ferreira e Jean Guilaine, *Le Néolithique ancien au Portugal*, B. S. P. F., t. 67, «Etudes et travaux», vau, fase 1.

⁽³⁵⁾ S. Lopez Plaza, *Materiales de la Edad del Bronce hallados en Nunogalindo (Ávila)*, XIII C.N.A., 1975; idem, *Excavaciones en la Peña del Aguila. Nunogalindo (Ávila)*, N. A.H. 5, 1976.

⁽³⁶⁾ R. Martín Valls e G. Delibes de Castro, *Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora — II —*, B.S.A.A., XLI, 1975.

⁽³⁷⁾ J. A. Rodríguez Marcos e J. M. del Recio, *El yacimiento calcolítico de «El Coto» em Castriello de la Guareña (Zamora)*, *Revista de Guimarães*, vol. XC, Guimarães, 1980.

⁽³⁸⁾ Aliás, o conceito de fóssil-director encontra-se, há muito, posto em causa, pela nova arqueologia, que busca em *todos* os vestígios materiais deixados pelo homem elementos de compreensão global do funcionamento das sociedades.

arqueológicos contemporâneos decorrentes da vida quotidiana ou de conjuntos funerários e cultuais.

É nesse sentido que nos escusamos a especular neste momento, sobre filiações culturais ou origens remotas ou próximas da cerâmica de Mairos. Apenas constatamos um certo número de linhas de força naturalmente prévias, que nos advertem para a possibilidade da antiguidade deste povoado, onde confluem tradições comuns à Meseta norte ocidental e ao Noroeste Peninsular.

4.2 No norte de Portugal conhecem-se já bastantes estações que forneceram cerâmica decorada semelhante àquela que foi objecto do nosso estudo. Não é nosso intuito estabelecer de momento uma lista exaustiva de todas elas, tão só enumerar algumas, como exemplo de determinadas linhas gerais que passamos a enunciar:

— *A cerâmica impressa «penteada»* ocorre isolada ou acompanhando cerâmica puncionada, predominantemente *numa área interior*, que abarca Trás-os-Montes, em grutas ou abrigos e elevações com certas condições naturais de defesa: Lorga de Dine (Vinhais) ⁽³⁹⁾, grutas de Ferreiros (Vimioso), povoado do Picoto da Muralha Grande (Valpaços ⁽⁴⁰⁾, Penas Róias (Mogadouro) ⁽⁴¹⁾) Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães) ⁽⁴²⁾, etc. Contudo há que referir *estações litorais* em que ela também surge (em menor quantidade), em contextos de cerâmica incisa ou puncionada: por ex., Monte da Insua (Guimarães) e na própria Penha (Guimarães) ⁽⁴³⁾.

— Esta distribuição (uma primeira abordagem do problema, sujeita a todo o tipo de revisões) é *parcialmente* a mesma para a *cerâmica puncionada*, nomeadamente para a versão local da técnica de Boquique.

Contudo, há que valorizar *a região do Alto Tâmega*, em torno da bacia de Chaves, onde este tipo de cerâmica se associa à cerâmica incisa e à «penteada» em povoados de altura como em Mairos, na Pastoria, Outeiro Seco, S. Lourenço ⁽⁴⁴⁾. Ainda no vale do Tâmega (depressão Régua-Verim) foram recentemente detectados fragmentos cerâmicos semelhantes nos povoados do Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e Argeriz (Valpaços) ⁽⁴⁵⁾. Também Na região transmontana há que referir um vaso proveniente do castro de S. Juzenda (Mirandela) ⁽⁴⁶⁾ e cerâmica de Penhas Róias (Mogadouro) ⁽⁴⁷⁾. No entanto, começam-se agora a detectar no *litoral* povoados onde esta cerâmica ocorre insistentemente

⁽³⁹⁾ Ver nota 18.

⁽⁴⁰⁾ Y. Russel Cortez, Materiais para o estudo da idade do bronze de Trás-os-Montes e Alto-Douro, *Publicações do Museu Etnográfico do Douro, Boletim da Casa do Douro-Régua*, 1949.

⁽⁴¹⁾ Ver nota 19.

⁽⁴²⁾ ...J. R. dos Santos Júnior, As Pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, fase. III, vol. VI, Porto, 1933.

⁽⁴³⁾ ver colecções armazenadas no Museu da Sociedade Martins Sarmento, e ob. inserta na nota 2.

⁽⁴⁴⁾ Alguns dos povoados são conhecidos desde Santos Júnior (V. nota 2). V. Paes de Villas-Boas, Primórdios de História Flaviense. A estação pré-histórica de S. Lourenço (nótulas arqueológicas), *Brotéria*, XLI, Lisboa, 1945.

⁽⁴⁵⁾ V. notícia inserida na Revista *Arqueologia* n.º 3, GEAP, 1981, pág. 137.

⁽⁴⁶⁾ Trata-se duma calote de esfera decorada com linhas puncionadas curvilíneas junto ao bordo (Martin Höck, Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Sociedade Martins Sarmento, 1980, SJ 150). O autor compara a ornamentação deste vaso com a que ocorre em cerâmica proveniente de Picoto da Muralha Grande (Valpaços). (V. nota 40) e da Orca de Forles (p. 65).

⁽⁴⁷⁾ V. nota 19.

em contextos de cerâmica incisa, como por ex., no Castelo de Faria (Barcelos) ⁽⁴⁸⁾, no Picoto de Sto. Amaro (Mascotelos, Guimarães) ⁽⁴⁹⁾ na Joubreia (Amares) ⁽⁵⁰⁾, em Vermoim (V. N. de Famalicão) ⁽⁵¹⁾, etc.. Daqui resulta que a sincopagem nítida entre uma área interior e uma outra litoral é muito mais difícil de comprovar.

— A cerâmica *incisa*, no estilo da organização metopada com temas exuberantes é fundamentalmente *litoral*. Poder-se-iam enunciar dezenas de estações onde foram identificadas cerâmicas do clássico «tipo Penha» ⁽⁵²⁾. Refira-se apenas que elas apareceram fundamentalmente em dois tipos de povoados: — com condições naturais de defesa, em diversas situações topográficas; — e num povoado (?) aberto de planície (Gândara) ⁽⁵³⁾. Encontramo-la, é certo, na região do Alto Tâmega, como já foi referido, associada a cerâmica «penteada» e puncionada, mas não apresenta nesta área o «barroquismo» e a complexidade organizativa das do litoral. Há que buscar as causas desta diversidade.

Como se vê, uma simples análise prévia das cerâmicas que integram a normal designação de «tipo Penha» conduz à delimitação de *área estilísticas* com base na predominância de certos temas e técnicas decorativas.

Se na Vinha da Soutilha foi possível determinar a contemporaneidade de cerâmicas aparentemente tão diversas não há provas de que isso se verifique em todas as estações enunciadas onde ocorrem conjuntamente à superfície os mesmos padrões decorativos. E muito menos onde surgem isoladamente.

Só o estudo exaustivo em cada região «de per si» pode ajudar a desbloquear este problema tão importante para a caracterização da Pré-História recente do Noroeste Peninsular ⁽⁵⁴⁾.

⁽⁴⁸⁾ J. San Valero Aparisi, Restos dei Castro de Faria, *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, 2, Barcelos, s/d.

Esta estação encontra-se a ser presentemente estudada por C. A. Brochado de Almeida e Teresa Soeiro.

⁽⁴⁹⁾ y, colecções do Museu da Sociedade Martins Sarmento.

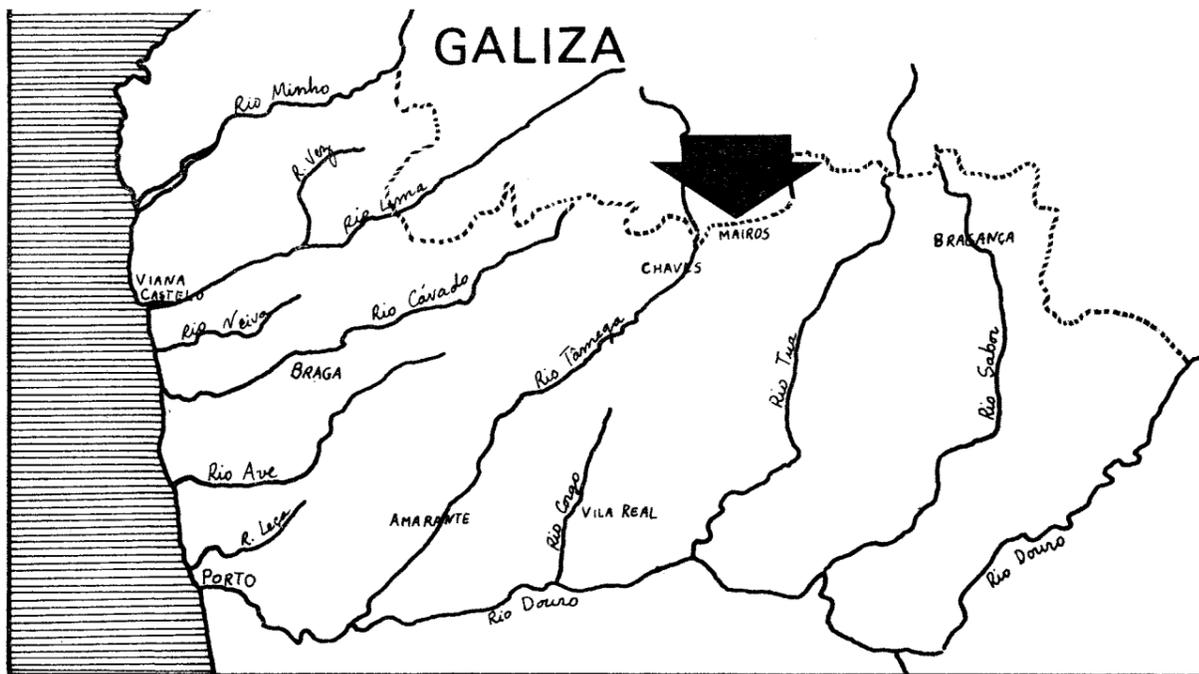
⁽⁵⁰⁾ y, nota 7; Susana Oliveira Jorge, Escavações em Chã do Castro (Amares), *Revista de Guimarães*, XC, 1980.

⁽⁵¹⁾ José João Rigaud de Sousa, Vasos campaniformes no norte de Portugal. *Actas de Ias Jornadas de Metodologia Aplicada de Ias ciências históricas*. I Prehistória e História Antiga, Santiago de Compostela.

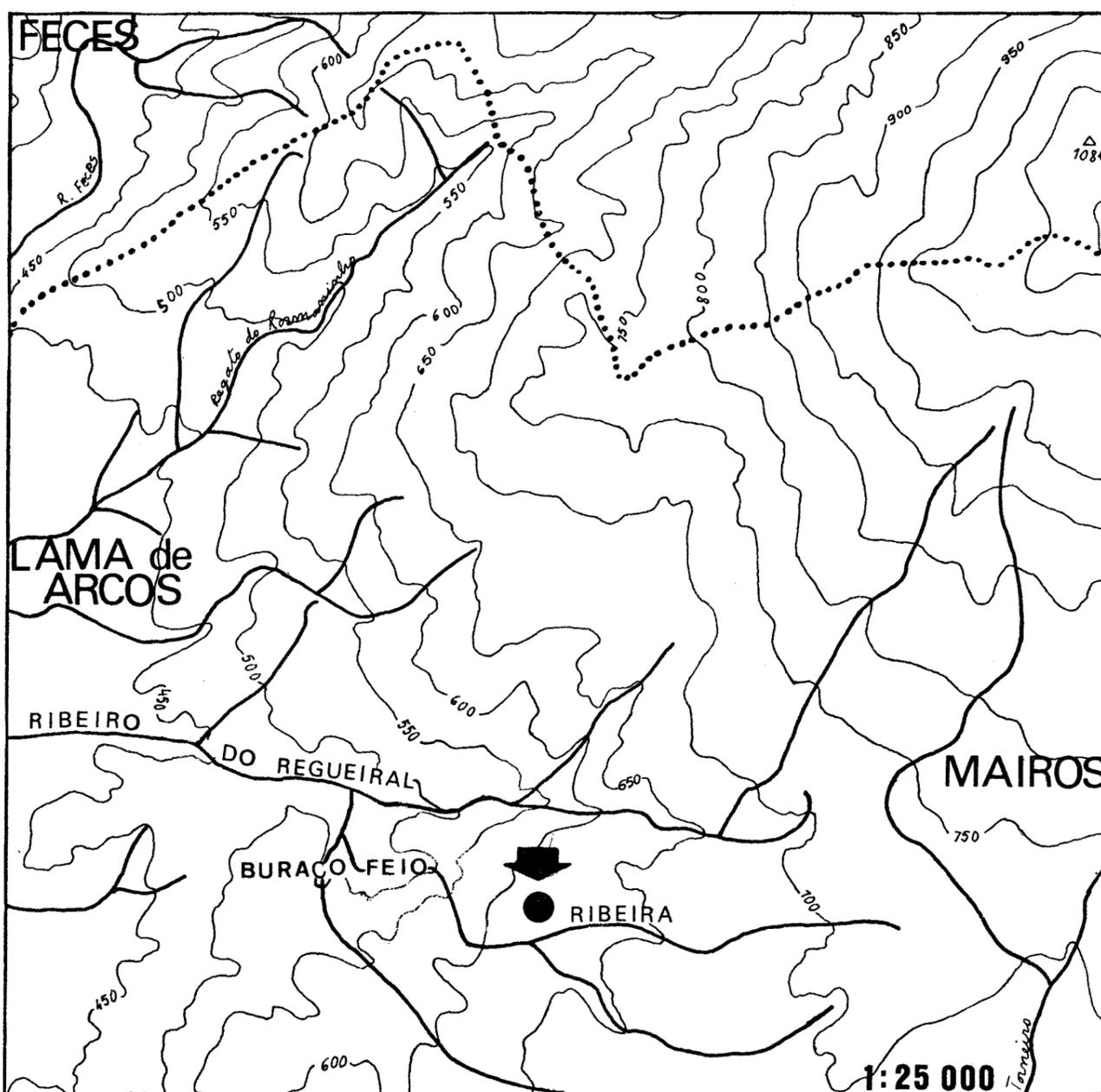
⁽⁵²⁾ y# enumeração de estações na nota 5.

⁽⁵³⁾ V. colecção do Museu de Antropologia «Dr. Mendes Correia» da Fac. de Ciências de Universidade do Porto; V. artigo da autoria de Armindo de Sousa inserto nesta revista.

⁽⁵⁴⁾ Agradecemos a colaboração prestada no desenho da cerâmica a Maria de Jesus Sanches.

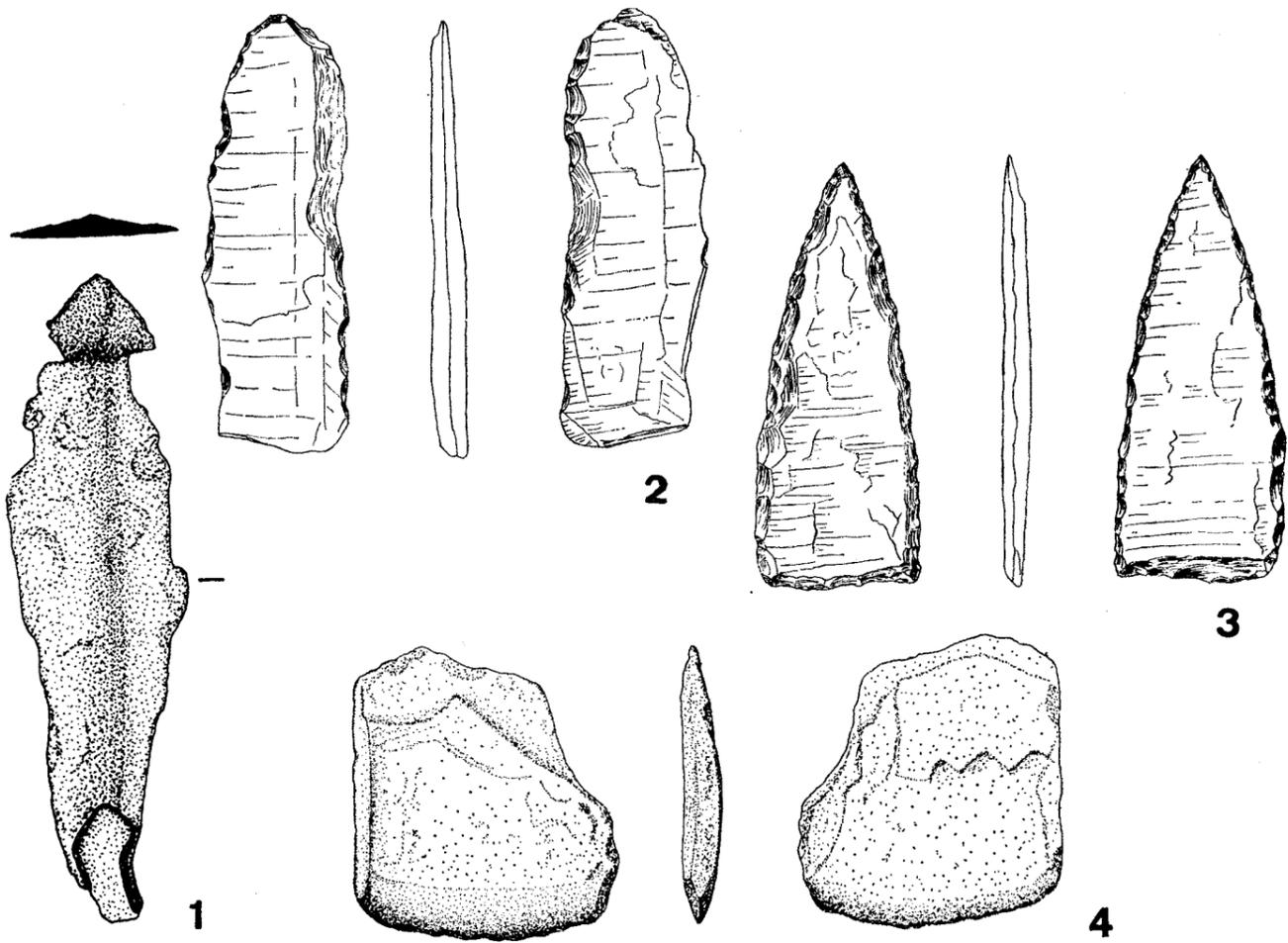
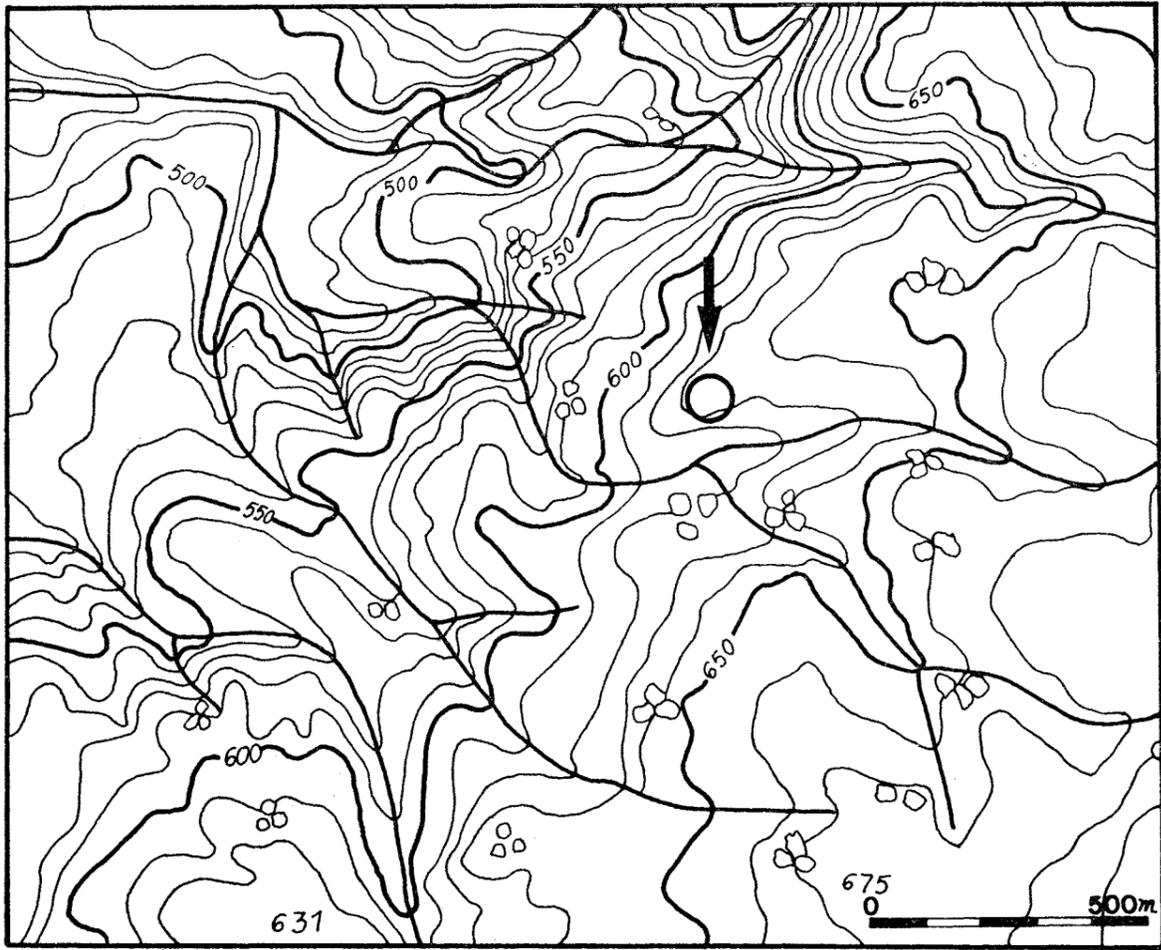


1

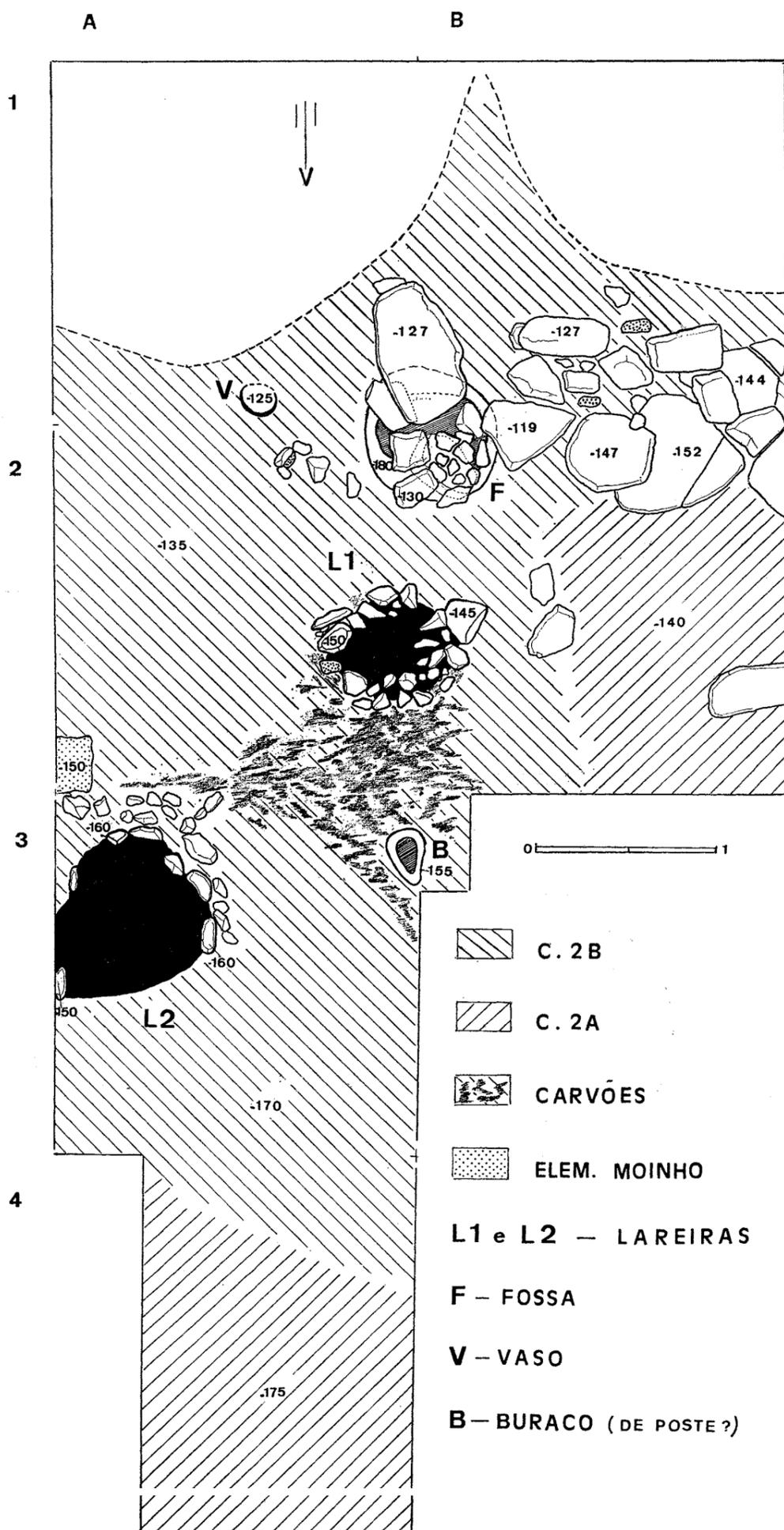


2

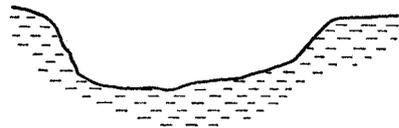
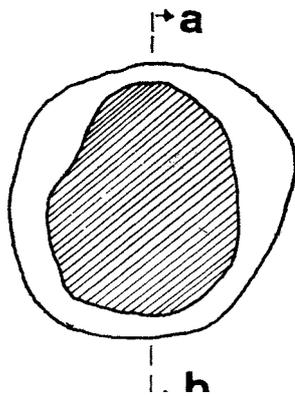
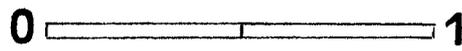
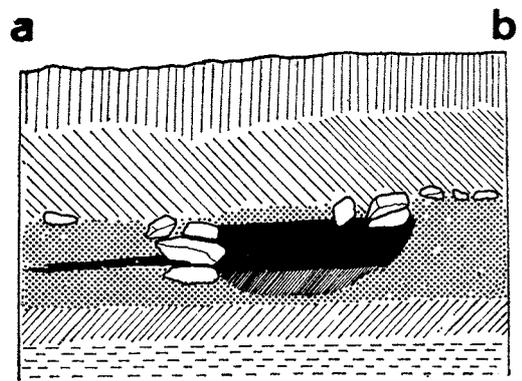
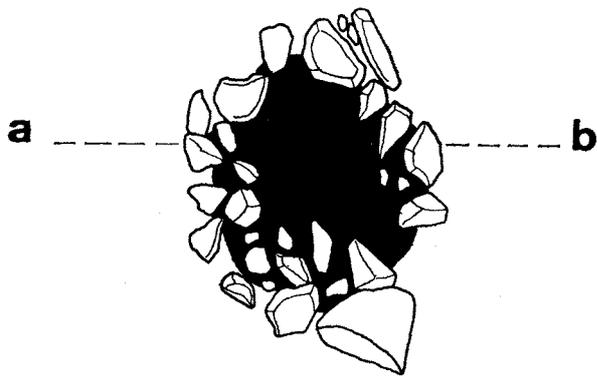
Est. n

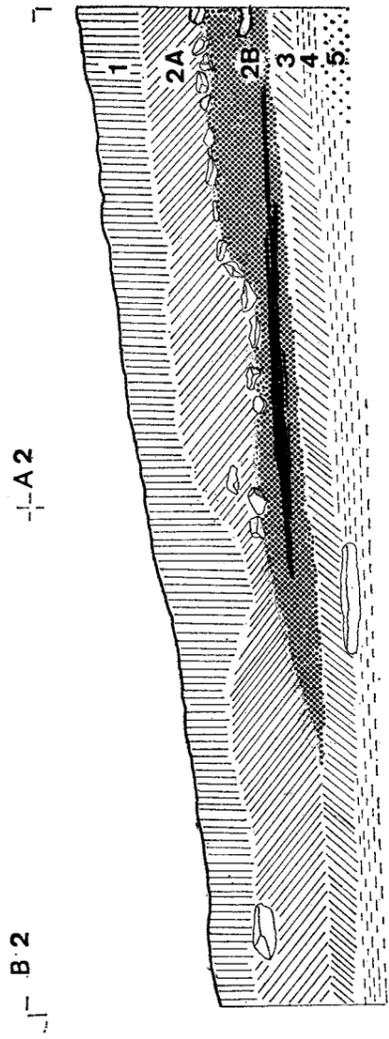
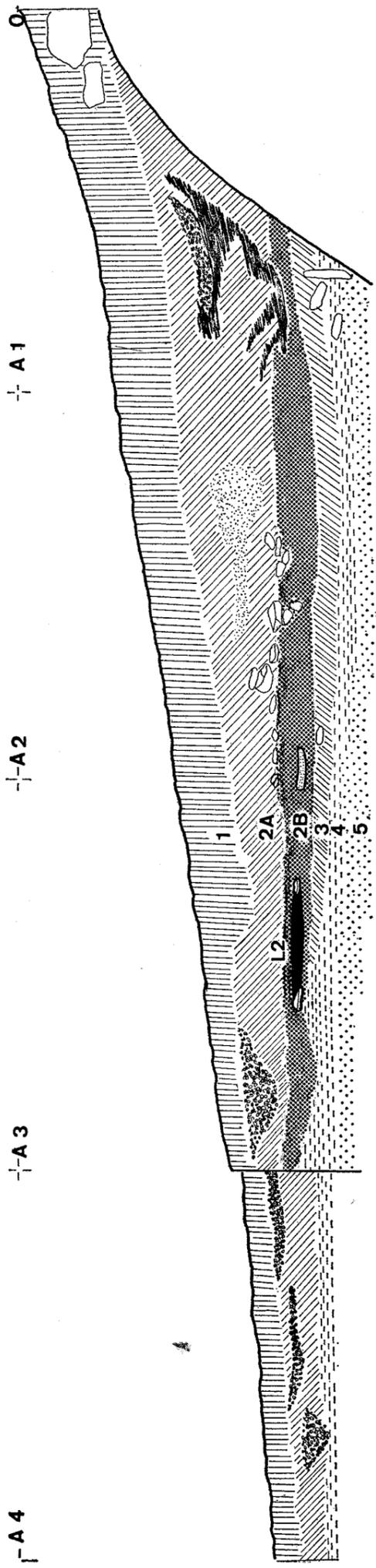


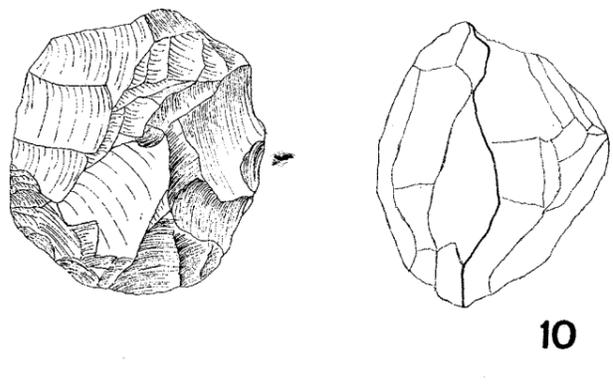
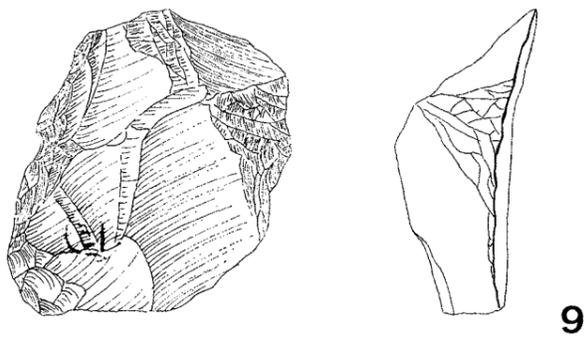
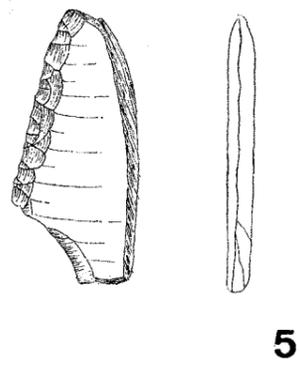
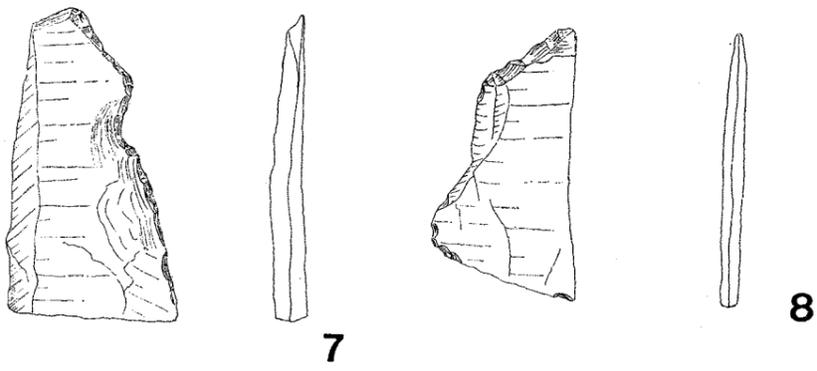
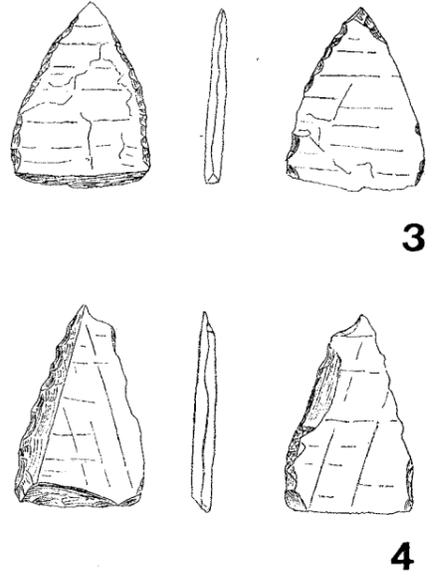
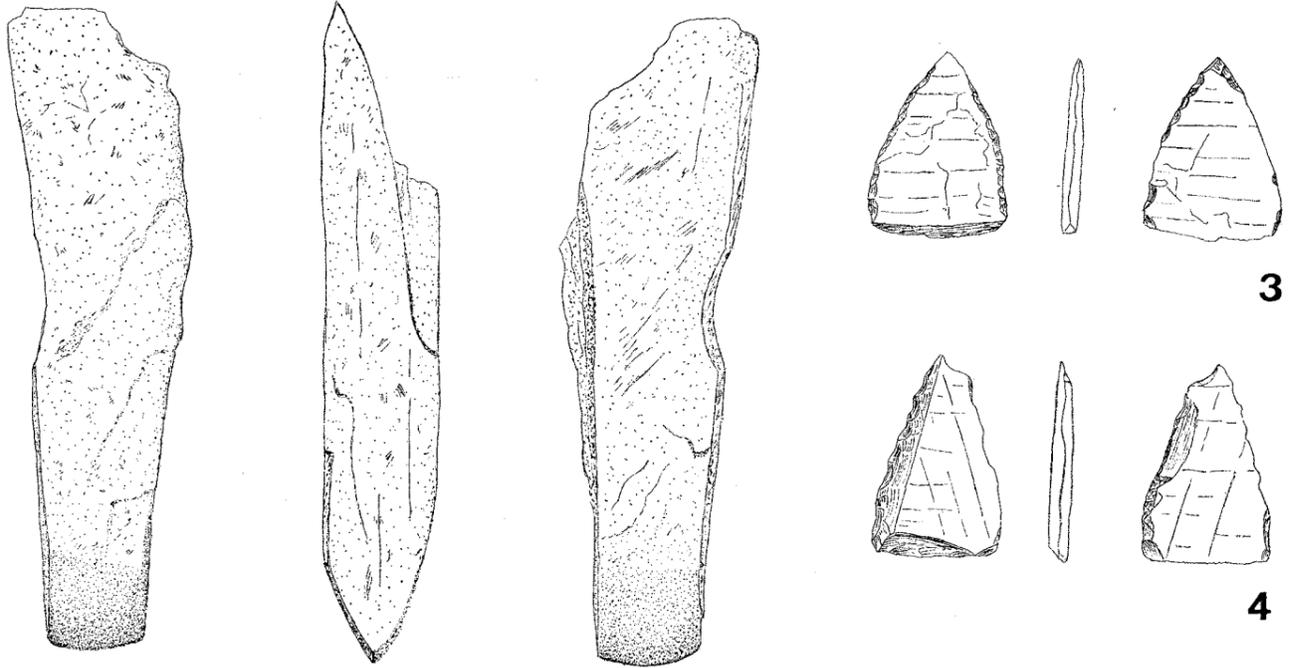
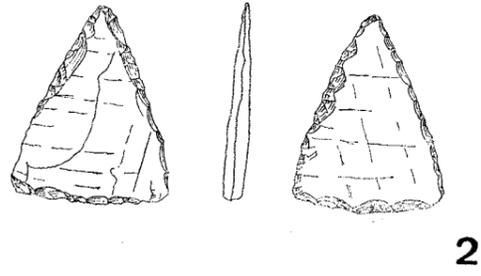
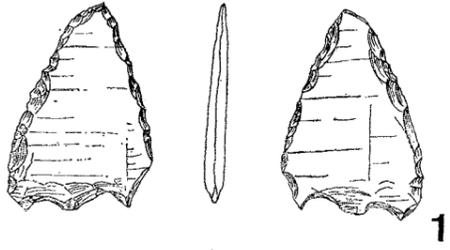
ESC. 1:1

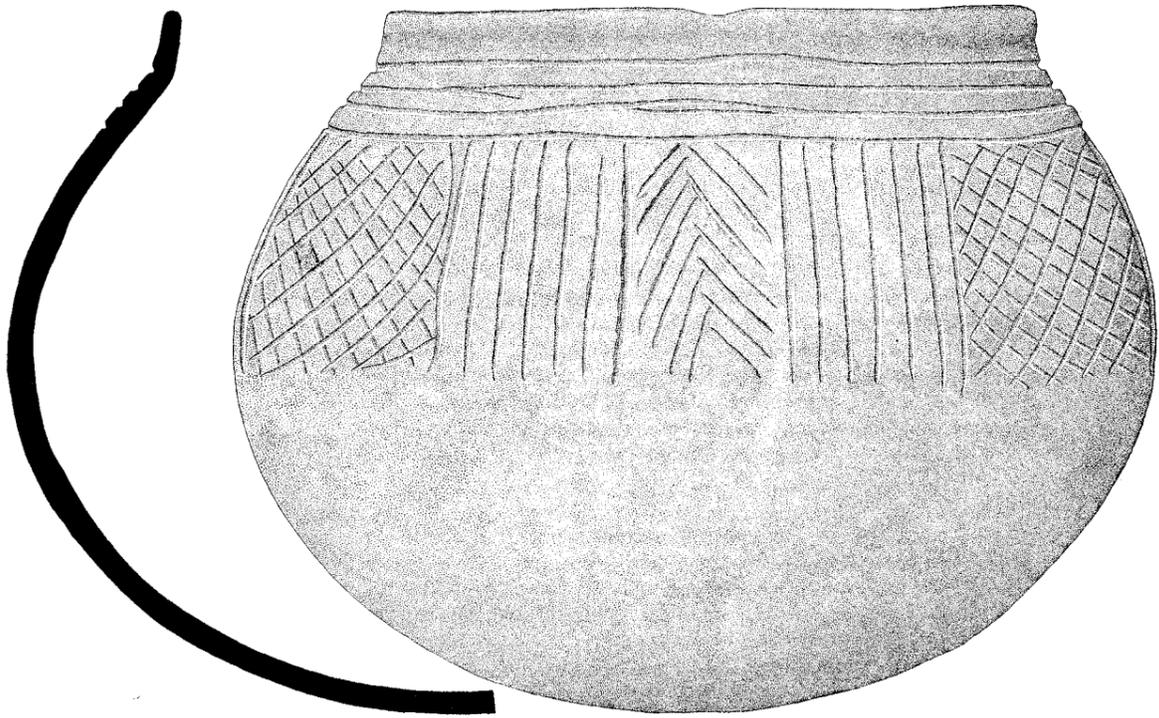


Est. IV

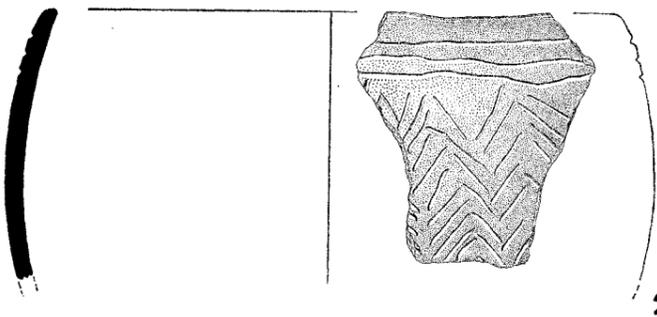




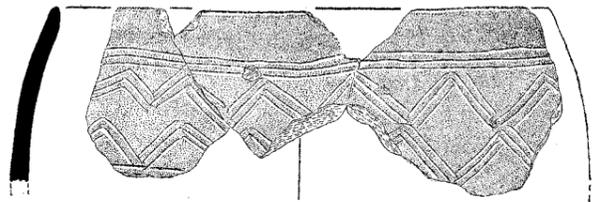




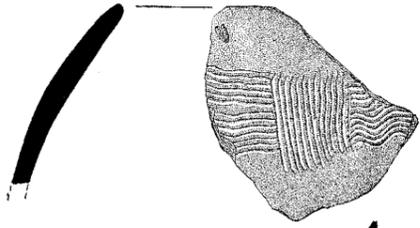
1



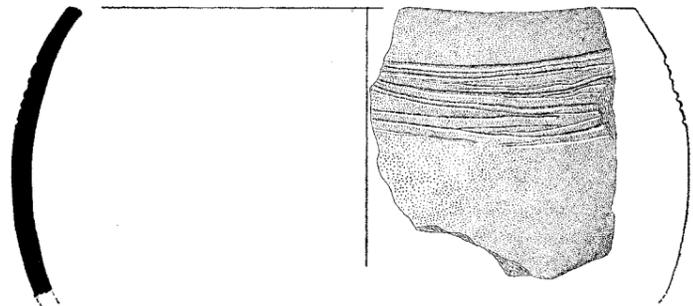
2



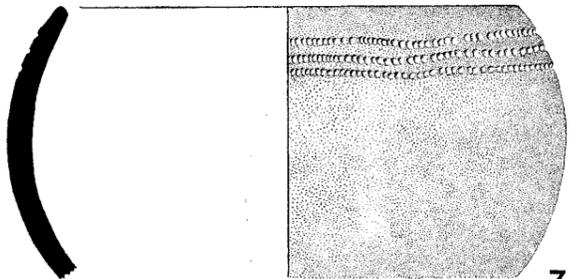
3



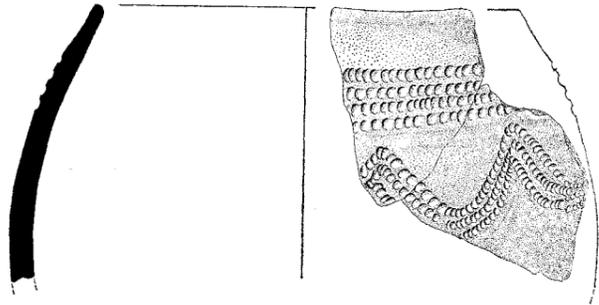
4



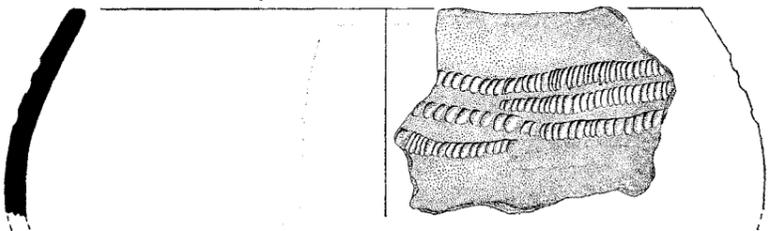
5



7

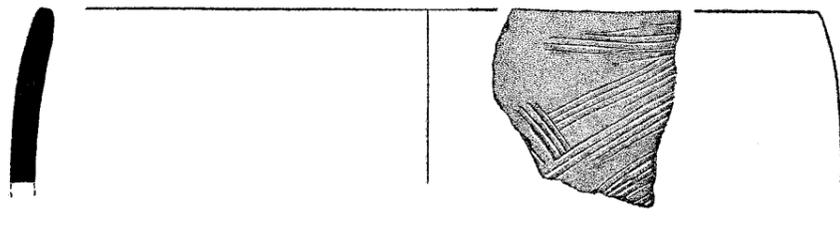
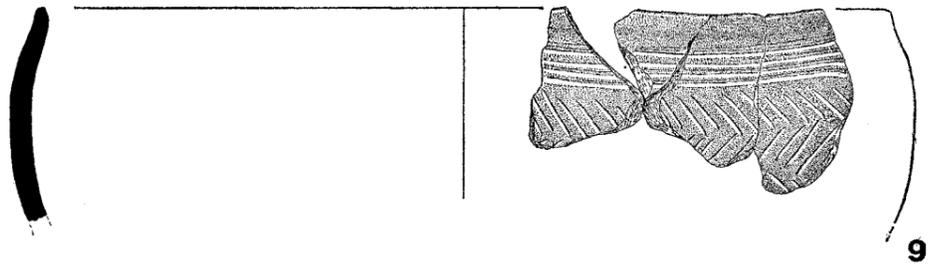
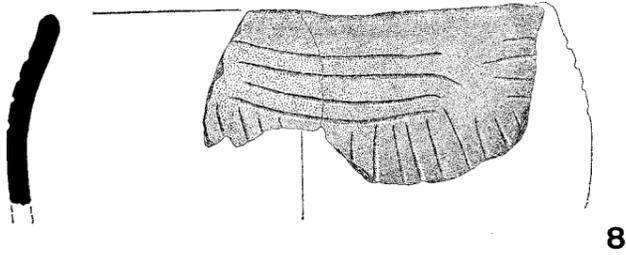
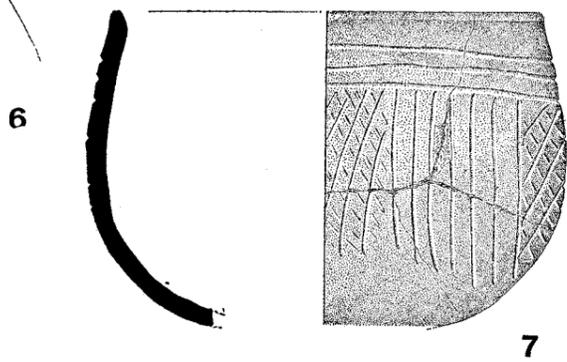
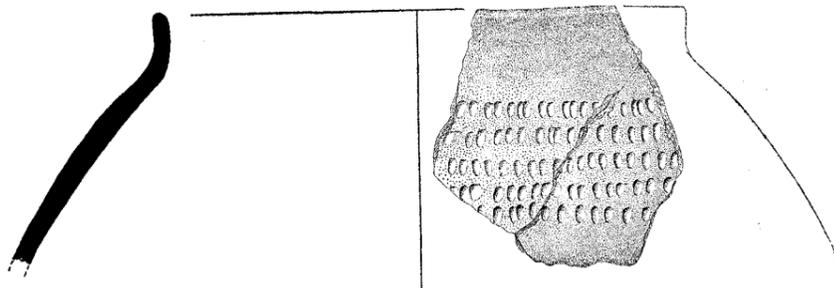
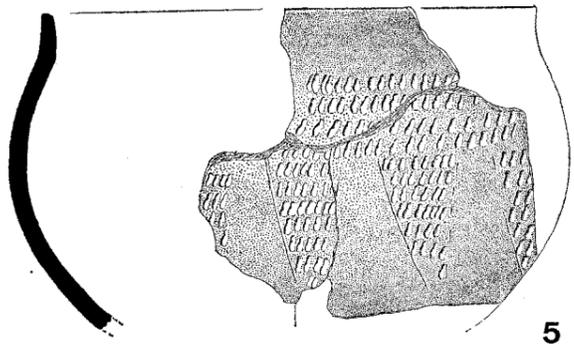
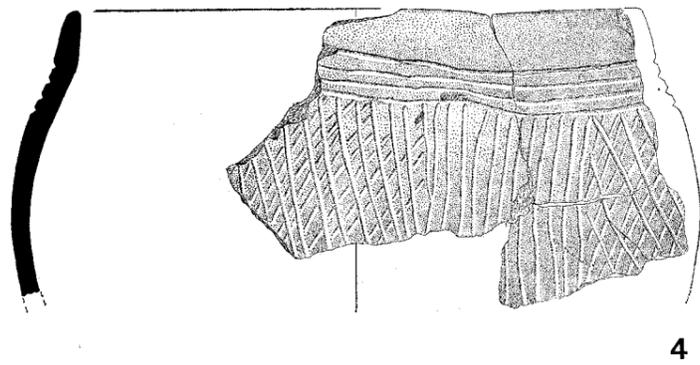
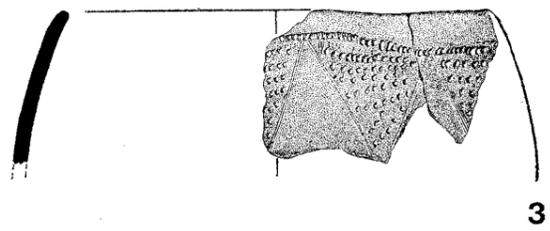
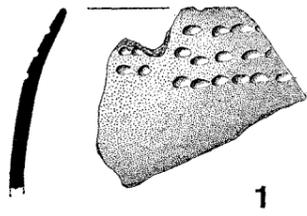
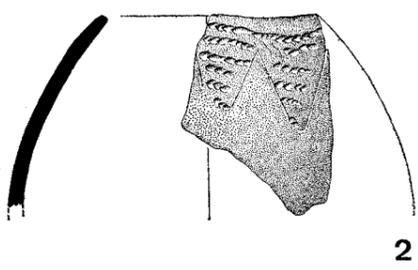


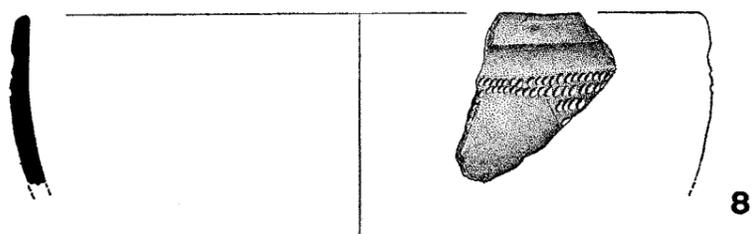
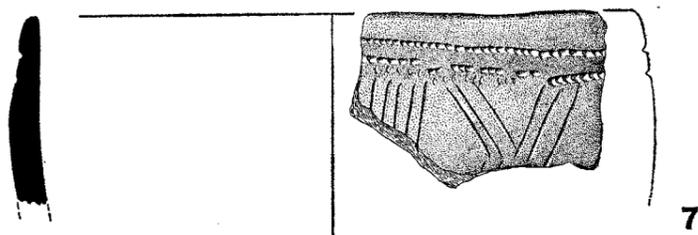
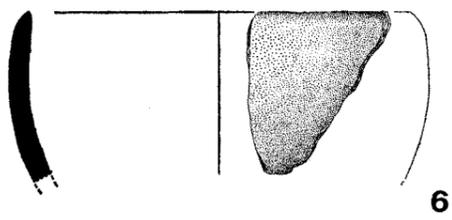
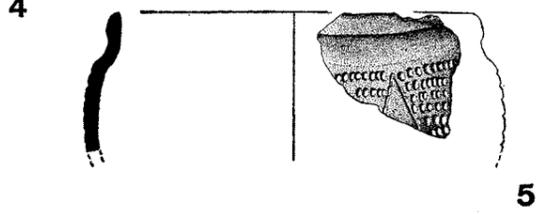
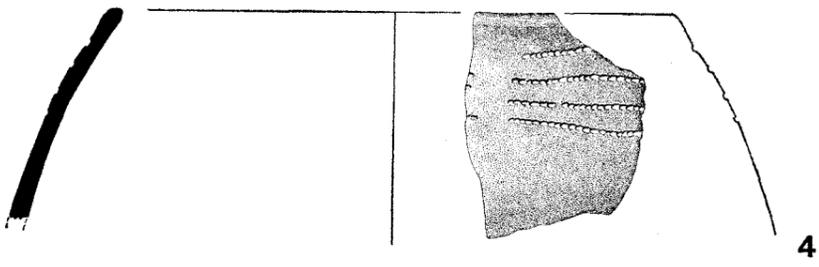
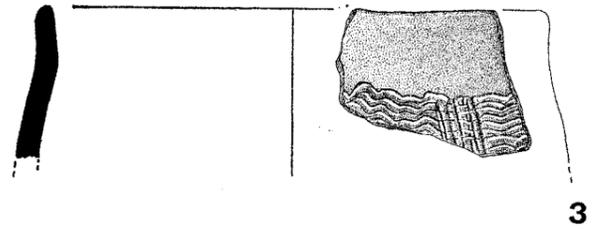
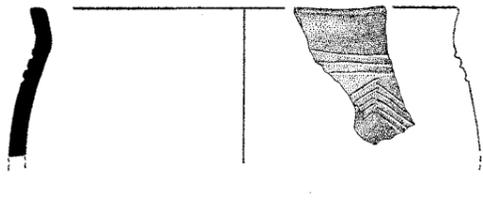
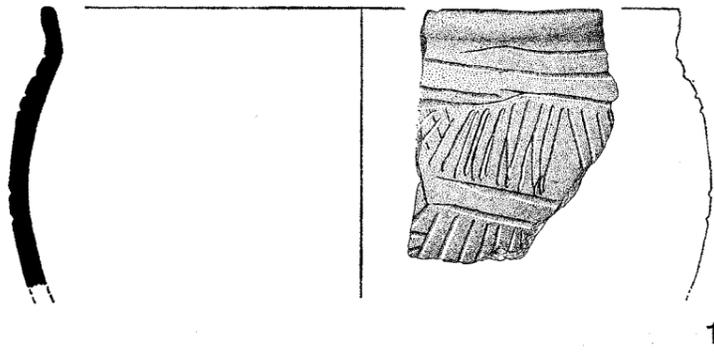
6

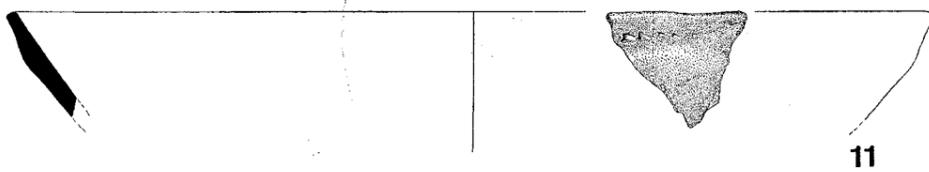
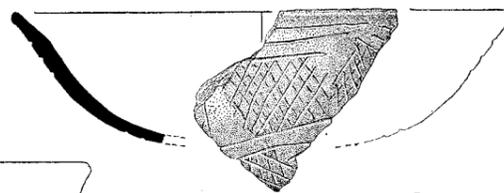
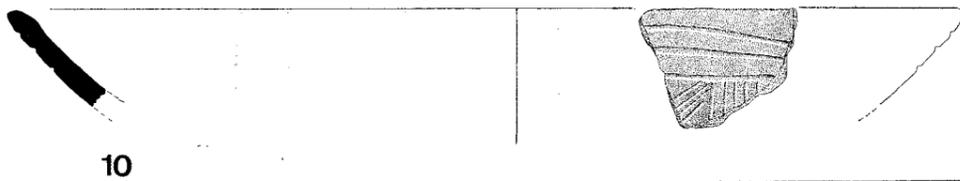
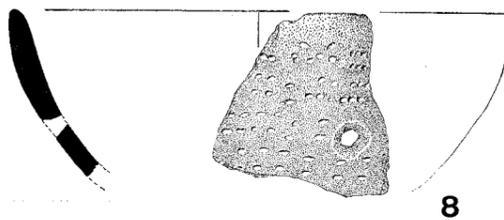
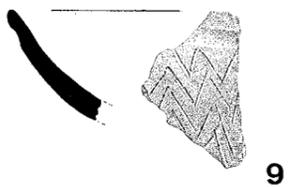
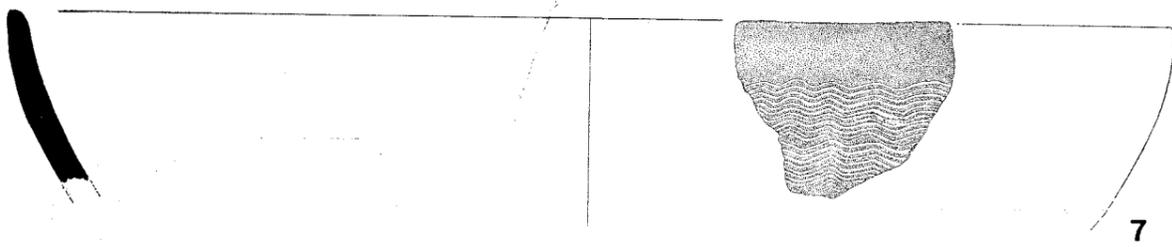
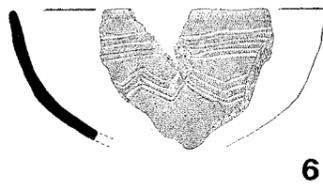
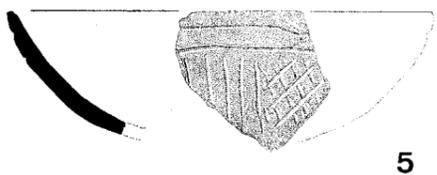
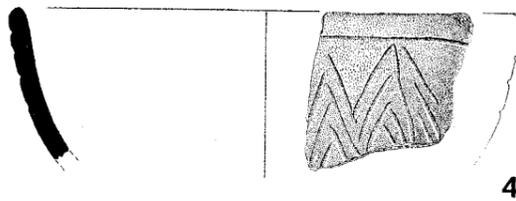
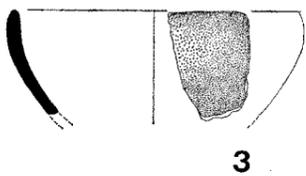
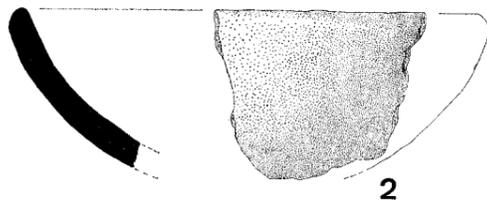
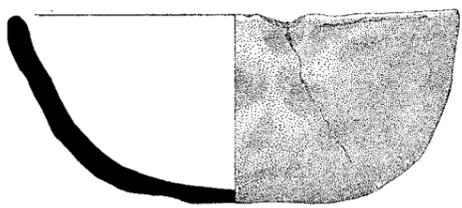


8

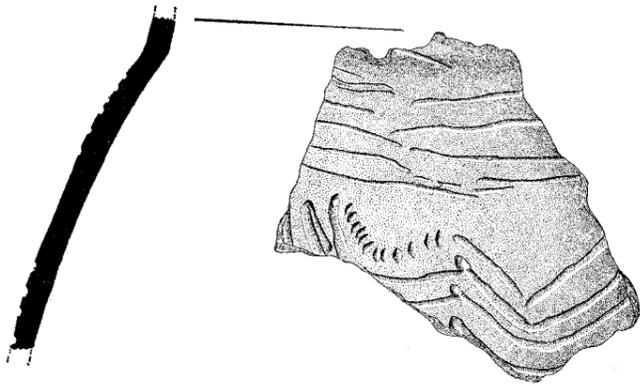
ESC. 1:2







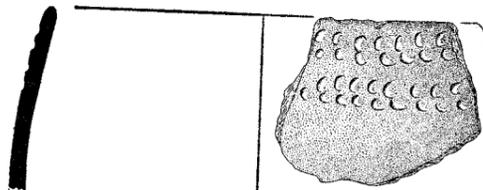
Est. XI



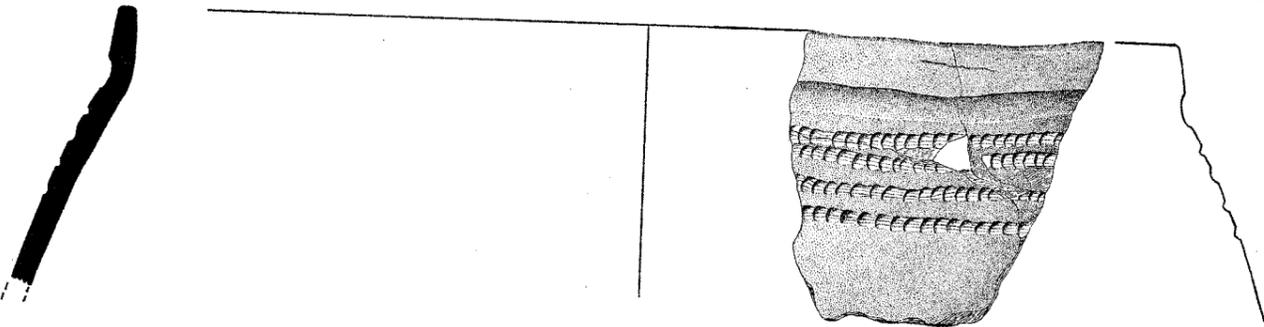
2



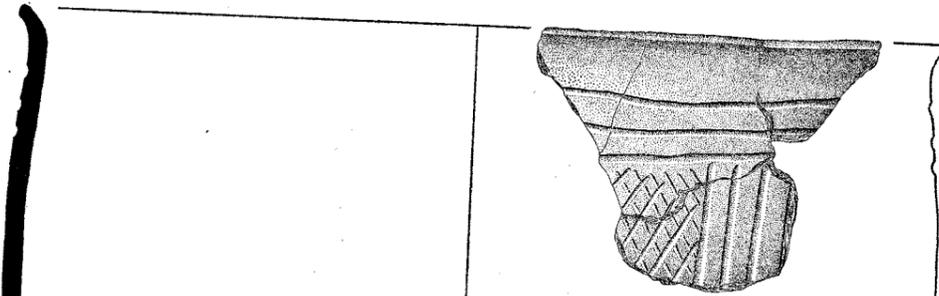
1



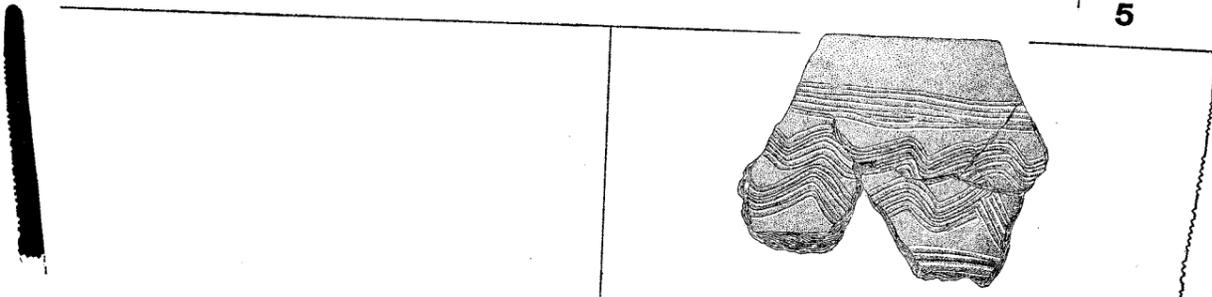
3



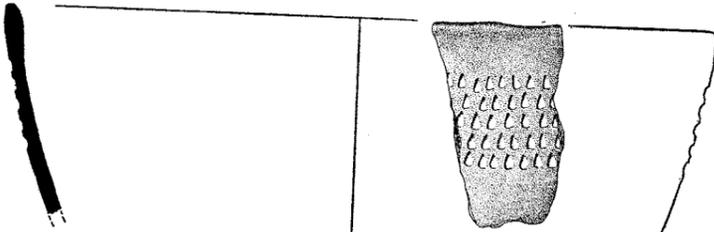
4



5



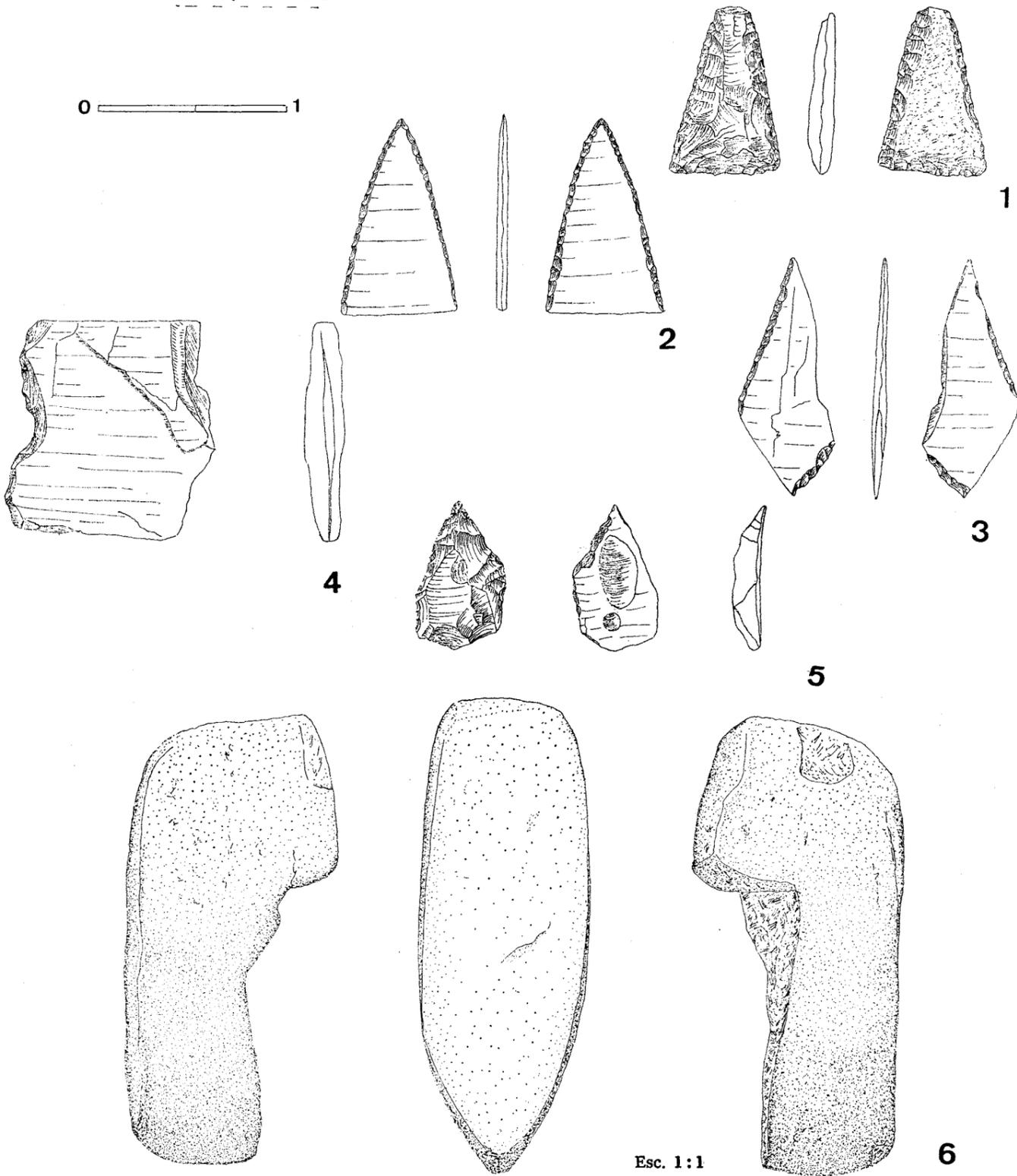
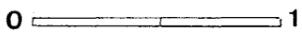
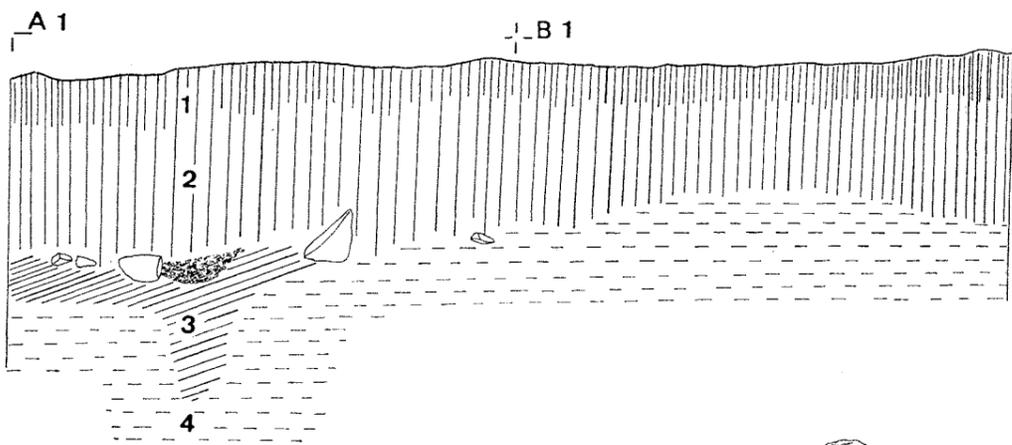
6



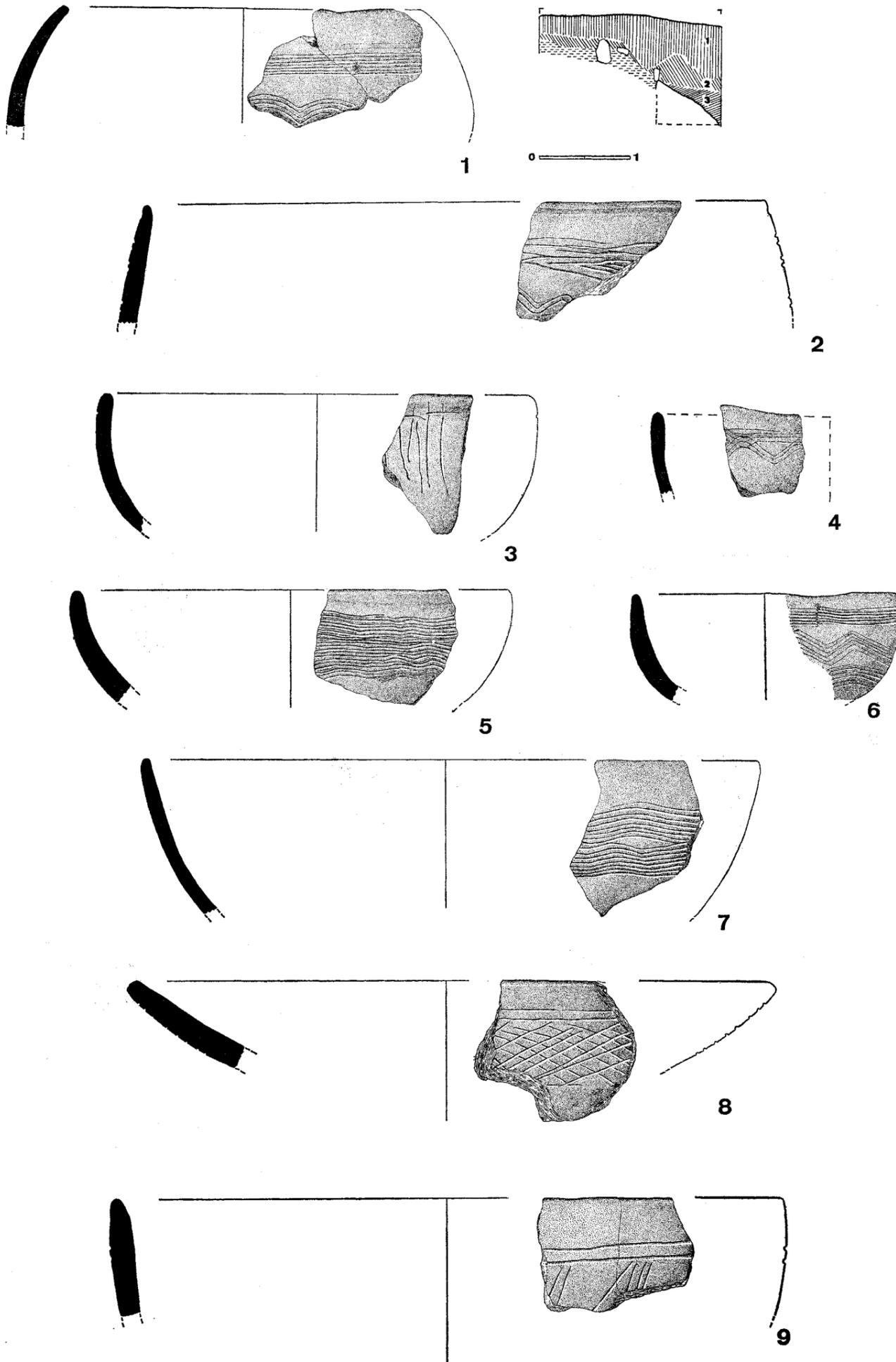
7

ESC. 1:2

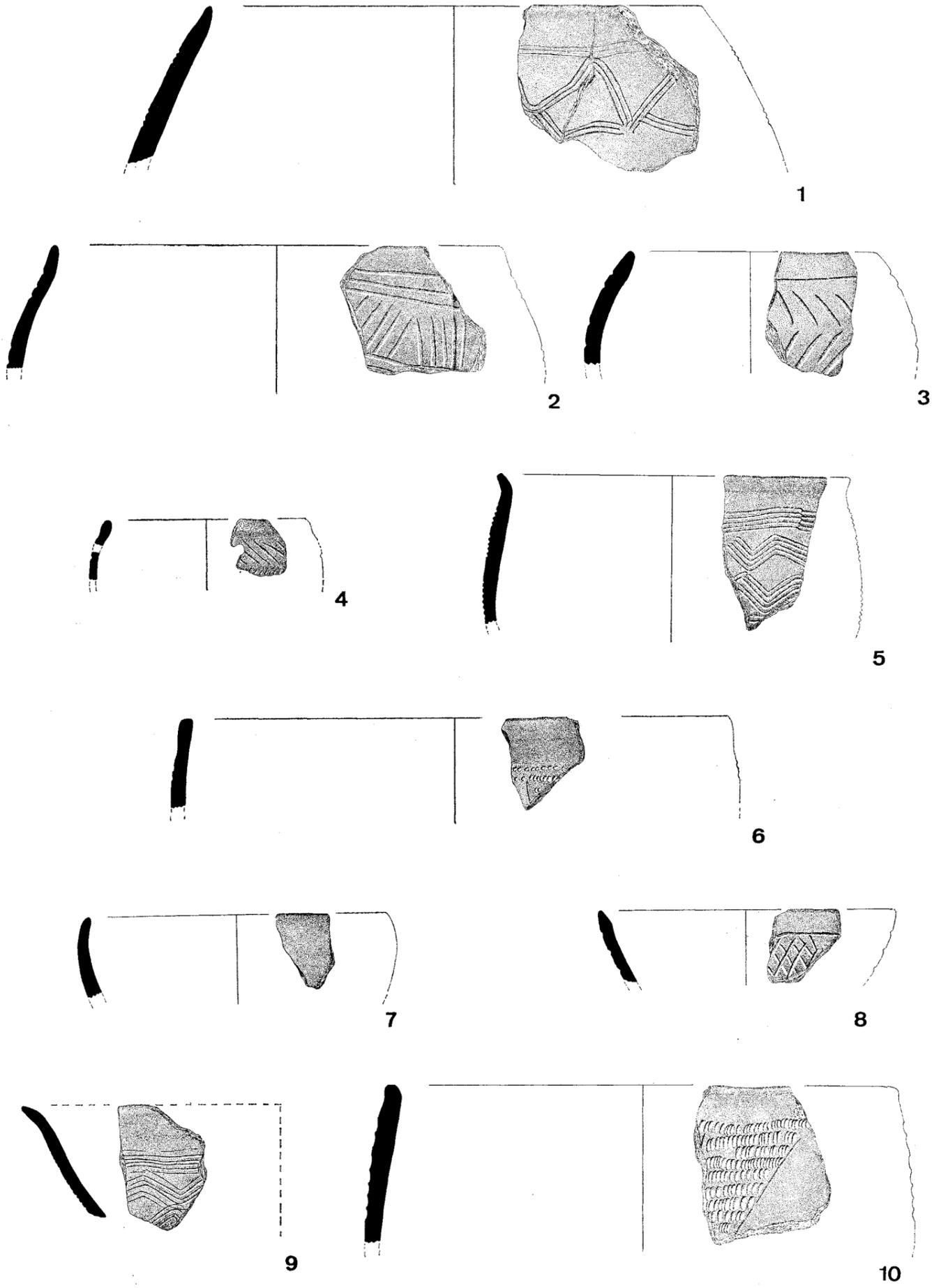
Est. XII



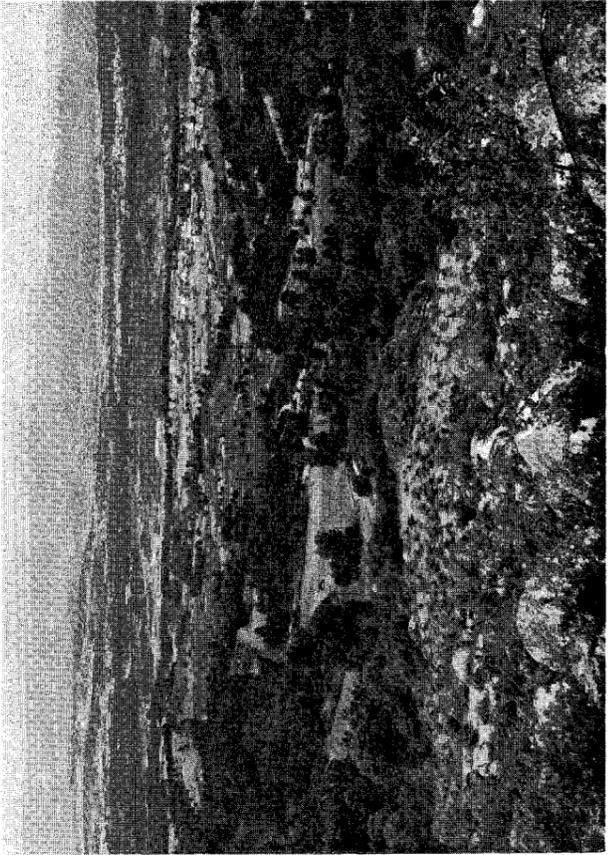
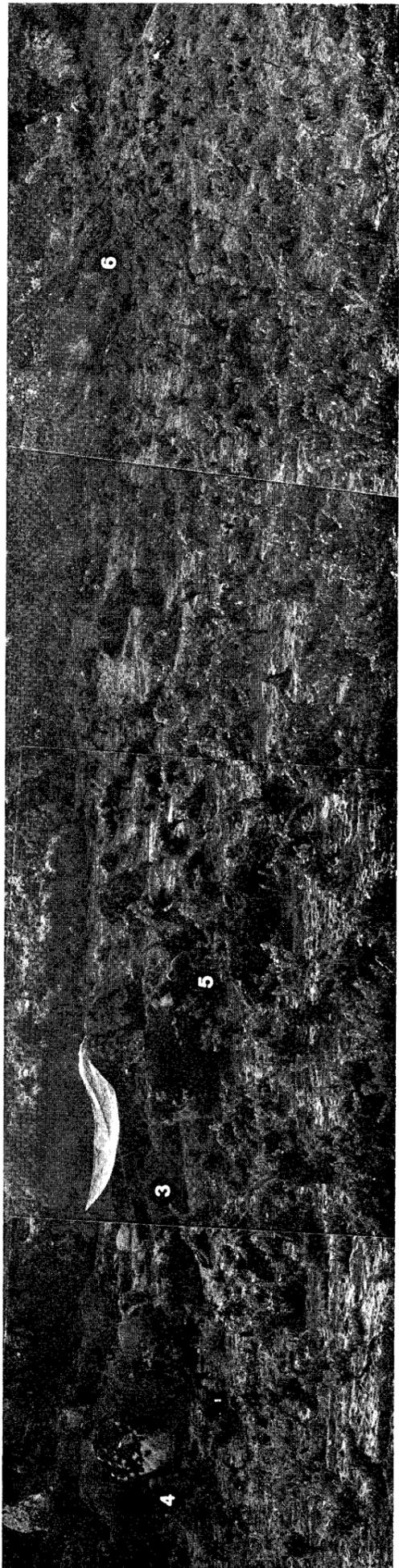
Esc. 1:1

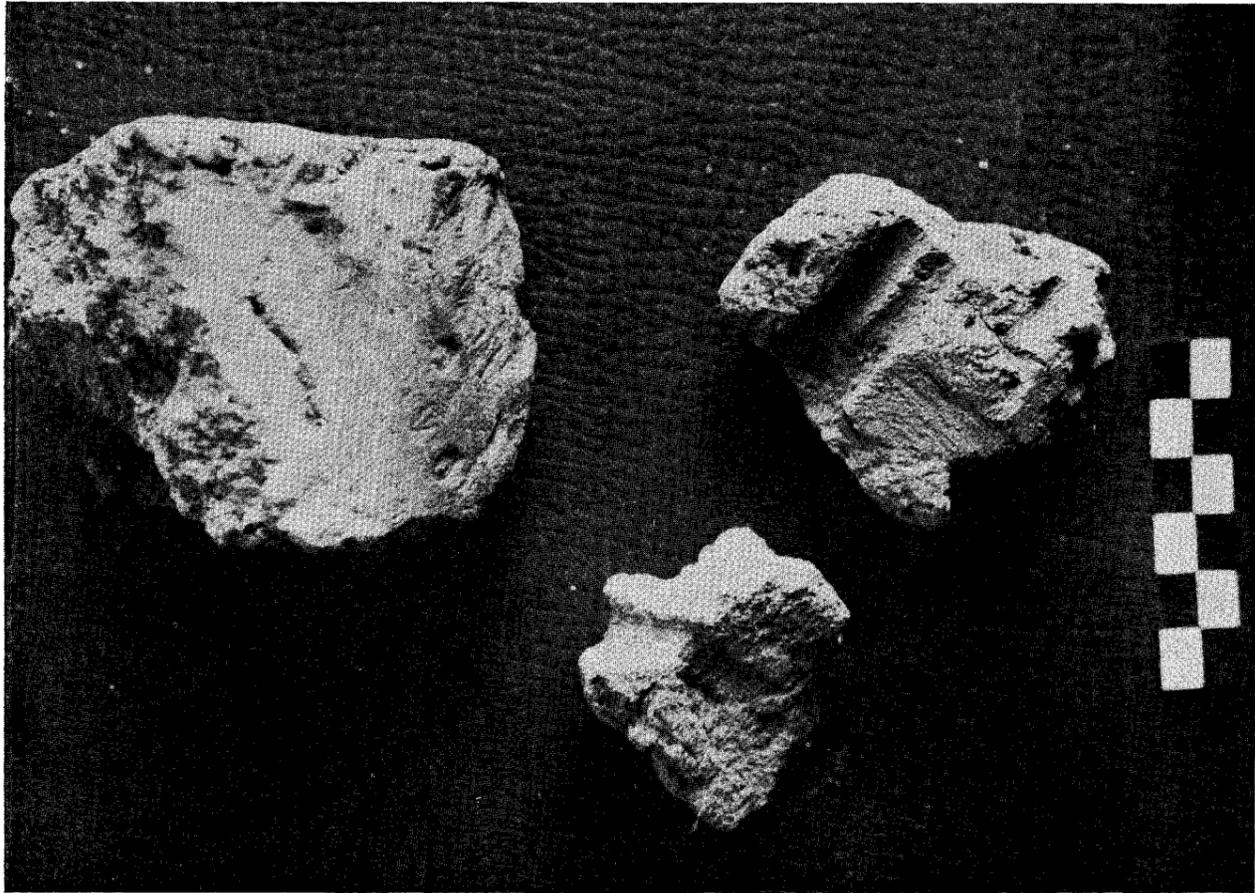


ESC. 1:2



Esc. 1:2





1



2



